

ESPIRITISMO

ESTUDO SISTEMATIZADO

MÓDULO 3

**MATERIAL DIDÁTICO
PARA CURSO ONLINE
DO PORTAL LUZ ESPÍRITA**



LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

ESPIRITISMO – ESTUDO SISTEMATIZADO

Equipe Luz Espírita

Material didático para curso online do Portal Luz Espírita

Edição revisada de março, 2011

Distribuição gratuita



**MATERIAL DIDÁTICO PARA
CURSO ONLINE DO
PORTAL LUZ ESPÍRITA**

ESPIRITISMO

ESTUDO SISTEMATIZADO

MÓDULO 3



	MÓDULO 3
1ª lição	<p>SOBREVIVÊNCIA ESPIRITUAL Provas da existência dos Espíritos – Alma humana – Manifestações concretas <> A verdade os libertará</p>
2ª lição	<p>CONSTITUIÇÃO DOS ESPÍRITOS Origem e Natureza espiritual – Perispírito <> Materialismo</p>
3ª lição	<p>ESTUDO DO PERISPÍRITO Chakras – Fotografia Kirlian <> A paciência</p>
4ª lição	<p>PASSE ESPÍRITA Histórico – Método – O passista <> O poder da fé</p>
5ª lição	<p>ESCALA EVOLUTIVA Princípios da progressão espiritual <> “Não acreditem em todos os Espíritos”</p>
6ª lição	<p>ANJOS E DEMÔNIOS Seres especiais? – Anjos da guarda <> Prece aos anjos da guarda</p>
7ª lição	<p>REENCARNAÇÕES Objetivos – Perfeição e justiça – Processo prático <> Necessidade da reencarnação</p>
8ª lição	<p>A MORTE (DESENCARNE) O umbral – Suicídio e eutanásia – Doação de órgãos e cremação <> Perda de pessoas queridas</p>
9ª lição	<p>SENTIDOS E SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS Comunicação, visão e percepções físicas <> O Céu</p>
10ª lição	<p>EMANCIPAÇÃO DA ALMA Os sonhos – Sonambulismo <> Obediência e resignação</p>
11ª lição	<p>INTERVENÇÃO ESPÍRITA NA VIDA HUMANA Intercâmbio espiritual – Influência oculta <> Influência moral</p>
12ª lição	<p>OBSESSÃO Definição, prevenção e tratamento <> Reconciliação com os adversários</p>
13ª lição	<p>VAMPIRISMO Conceitos e relações <> O inimigo desencarnado</p>
14ª lição	<p>EVOCAÇÕES Desenvolvimento mediúnico <> Mediunidade com Jesus</p>
15ª lição	<p>PROIBIÇÃO MOSAICA ÀS EVOCAÇÕES Proibição versus compreensão <> Preces pagas</p>

SOBREVIVÊNCIA ESPIRITUAL

PROVAS DA EXISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS – ALMA HUMANA – MANIFESTAÇÕES CONCRETAS

1 – A REVELAÇÃO ESPÍRITA

Não foi o Espiritismo que inventou os Espíritos, mas estes que criaram o Espiritismo. Logo, a existência desses seres é determinante para o desenvolvimento da Doutrina Espírita. Se não houvesse a revelação do plano espiritual, não haveria senão uma tese qualquer, como as tantas já existentes entre religiões e mitologias.

Os indivíduos outrora conhecidos no convívio humano apresentaram-se após o desencarne e deram provas irrecusáveis da sobrevivência espiritual num outro plano. Isto graças a um número infinito de fatos concretos, sem abusar da fé de ninguém, mas por via simplesmente da observação.

A prova da existência espiritual não está na fé, mas na observação real.

2 – ALMA HUMANA

“Penso, logo existo” (“*Cogito, ergo sum*”) – escreveu o filósofo francês René Descartes (1596-1650). Antes mesmo das manifestações de Espíritos desencarnados, já era mais do que claro que a máquina humana não poderia reagir de forma inteligente sendo simplesmente matéria. A alma – sendo um Espírito encarnado – é o agente dos pensamentos, sentimentos e ações do homem, e não a massa cerebral, que é matéria como o barro, a água, os gases e etc. Havendo esse elemento extramaterial, lógico é que a decomposição do corpo físico não afeta a alma a ponto de extingui-la, pois a alma é independente do corpo. Se não se acaba com os despojos carnis, ela sobrevive de alguma forma.

Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma?

“Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserem, exceto um homem.”

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 136-b)

As manifestações espirituais são graças concedidas por Deus para nos elucidar.

3 – MANIFESTAÇÕES CONCRETAS

A mediunidade não é propriedade do Espiritismo e existe desde há muito. A comunicação entre os homens e o plano astral faz-se presente em todos os tempos conhecidos, espalhados pelos quatro cantos do planeta, para todos os níveis de culturas. Está à mostra de todos hoje em dia e é crescente.

“Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os seus filhos e suas filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos terão sonhos”.

(Atos dos Apóstolos, 2:17-18)

Entre as diversas comprovações da sobrevivência do Espírito, podemos citar estas:

3.1 – EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE

Através da EQM – Experiência de Quase-Morte –, pacientes em coma (em decorrência de acidente, infarto, etc.) vislumbram o plano extracorporal, mantêm contato com Espíritos e experimentam as sensações de como se estivessem desencarnados – embora percebam que ainda estejam ligados ao corpo por um fio magnético.

Restabelecida a saúde física, esses pacientes descrevem essas e outras sensações comuns em milhares de casos, e não raro, detalham as ocorrências (como visitas e operações médicas) de enquanto o corpo estava desacordado.

O parapsicólogo americano Raymond Moody (1944 – x) se especializou em EQM ao estudar centenas de casos. O livro “Live After Live” (“Vida Depois da Vida”), dentro outros de sua autoria, é um Best-Seller mundial que relata os resultados das suas pesquisas.

3.2 – REMINISCÊNCIAS ESPONTÂNEAS

Que dizer de pessoas, entre as quais crianças, que têm lembranças espontâneas de lugares, pessoas e episódios de vidas passadas? Pois esse fenômeno é registrado em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil.

O médico psiquiatra canadense Ian Stevenson (1918 – 2007) pesquisou e constatou a veracidade de inúmeros exemplos do que rotulou: “casos sugestivos de reencarnação”.

Um caso real desse gênero ganhou uma versão para o cinema no filme “MINHA VIDA NA OUTRA VIDA”, em que uma americana tinha reminiscências fortes de sua existência carnal passada na Irlanda.

3.3 – TERAPIAS REGRESSIVAS

As terapias de regressão de memória são demonstrações cabais da independência espiritual. Feita por profissionais competentes – psicólogos e psiquiatras –, pode induzir pacientes a um transe que permita ao seu Espírito lembrar fatos passados, de outras encarnações ou da vida espiritual.

A técnica é útil no tratamento de traumas e diversos distúrbios psicológicos, pois conhecendo as causas – por exemplo, de uma fobia – o terapeuta poderá melhor tratá-los.

3.4 – MEDIUNIDADE

Aos olhos de todos, a mediunidade presente nos Centros Espíritas desafiam os céticos. Principalmente através da psicografia, Espíritos manifestam-se aos parentes e demonstram com provas irrefutáveis que há vida no plano superior.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Textos sobre:

Raymond Moody e suas pesquisas sobre EQM;

Ian Stevenson e seu trabalho sobre casos sugestivos de reencarnação;

Filme: “MINHA VIDA NA OUTRA VIDA” (“Yesterday’s Children”), EUA, 2000, direção de Marcus Cole.

PALAVRA ESPÍRITA

A verdade os libertará

“Conhecerão a verdade e a verdade os libertará”

(João, 8:32)

O fato de não se conhecer algo é uma excelente credencial para dizermos tolices de todo tamanho e inclusive provocar conflitos sérios.

Verdades incontestáveis hoje já foram negadas no passado, sendo até motivo de chacota ou repressão.

Quando Copérnico disse que a Terra girava em torno do sol – o oposto do que seus contemporâneos acreditavam, este foi ridicularizado. Galileu Galilei o defendeu e foi condenado à prisão domiciliar perpétua.

Quando uma fumaça se levanta, o que ocorre? Homens inteligentes investigam sua origem; pessoas ignorantes apagam o fogo.

* * *

O político e filósofo cubano José Martí disse certa vez: “A melhor maneira de ser livre é ser culto”. A benfeitora espírita Anália Franco nos deixou a máxima: “A verdadeira caridade não é acolher o desprotegido, mas promover-lhe a capacidade de se libertar”. O que é isso senão paráfrases do que disse Jesus (“Conhecerão a verdade e a verdade os libertará”)?

As religiões tentam aprisionar seus fieis com um catecismo que reprime a libertação intelectual. Daí tanto fanatismo e ignorância prosperando em nosso meio. Isso explica a repulsa tão forte que eles têm do Espiritismo. Assim é porque eles desconhecem o que é a Doutrina Espírita e então, definem seus conceitos das mais absurdas formas possíveis.

Para quem não entende a lógica dos fenômenos, espírito, alma e mediunidade são coisas tão sem fundamento quanto estórias de fantasmas, duendes, papai-noel e outros folclores. Por esta razão, pessoas comuns que viveram ou presenciaram manifestações espirituais costumam ser comedidas em falar sobre isso para não se passar por ridículo.

Só mesmo estudando para saber que todos os efeitos chamados sobrenaturais, na verdade não têm nada de sobrenatural, mas sim, que estão dentro das leis da Natureza criada por Deus – concorrendo em perfeita harmonia com o universo.

* * *

O aprendizado exige, no entanto, mentalidade aberta para aceitar as descobertas e disciplina para organizar as informações.

“É impossível para um homem aprender aquilo que ele pensa que já sabe”.

Se você se cobre de preconceito e de resistência na hora estudar, como poderá aprender? Romper com os preceitos da ortodoxia é o primeiro grande desafio para as novas descobertas.

No caso do Espiritismo, muitos intelectuais devassaram a doutrina com o intuito inicial de desmascará-la.

Na grande maioria houve conversão. Foi o caso do criminalista italiano Cesare Lombroso; do filósofo russo Alexandre Aksakof, do cavalheiro inglês William Crookes e muitos outros.

Entre os brasileiros, um caso exemplar é o de Carlos Torres Pastorino, autor do clássico livro de bolso “Minutos de Sabedoria”. Ele foi seminarista em Roma e como padre, integrou um

grupo de estudos para assuntos paranormais por interesses da Igreja Católica. Comprovando a veracidade dos eventos e a seriedade do Espiritismo, abandonou a batina e se tornou um dos mais fervorosos divulgadores da doutrina.

* * *

Ao contrário das religiões tradicionais, o Espiritismo não apenas estimula o estudo e a pesquisa, em todos os campos da sabedoria, como também ela se fundamenta na experimentação. Pois a fé inquebrantável – como disse Allan Kardec – é aquela que pode encarar a razão frente a frente, em qualquer época ou situação, de modo que se possa trocar a afirmação “eu creio” por “eu sei”.

Conforme encontramos em O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, disse o Espírito da Verdade: “Amem-se, este é o primeiro ensinamento; instruam-se, eis o segundo”. (cap. VI, item: Advento do Espírito da Verdade).

CONSTITUIÇÃO DOS ESPÍRITOS

ORIGEM E NATUREZA ESPIRITUAL – PERISPÍRITO

1 – ORIGEM DOS ESPÍRITOS

Sobre o nascimento dos Espíritos:

Os Espíritos tiveram princípio, ou, como Deus, existem desde toda a eternidade?

“Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando ao invés, são criação Sua e se acham submetidos à Sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável, porém, quanto ao modo como nos criou e em que momento, nada sabemos. Podem dizer que não tivemos princípio, se quiserem com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito, ninguém sabe: aí é que está o mistério”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 78)

Os indivíduos são criados diretamente por Deus; não há reprodução entre os Espíritos como há na Terra entre homens e certos animais. Sua origem é inicialmente na forma espiritual e são independentes do corpo material. Tiveram um princípio, mas gerados para a eternidade. Portanto, o mundo espiritual é o principal, que preexiste e sobrevive a tudo. A vida encarnada é passageira e circunstancial.

Não se admitindo que o Criador viva na ociosidade, temos a ideia de que o nascimento de novos Espíritos se dá a todo instante e não que tenhamos sido todos criados de uma só vez no princípio dos tempos.

Isto é o que por hora podemos saber.

2 – NATUREZA DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos são os seres inteligentes da Criação, que povoam o Universo. Quando encarnados, são chamados “almas”. Cada um de nós é a individualização do princípio inteligente, bem como um corpo é a individualização do princípio material.

Kardec perguntou aos colaboradores da codificação se os Espíritos são imateriais:

“Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois devem compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vocês outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos seus sentidos.”

(Idem – Questão 82)

Se não enxergamos e ouvimos as entidades espirituais que nos cercam a todo o momento é porque a sua natureza é demasiada sutil em relação aos nossos órgãos e sentidos (olhos, ouvidos e tato). A forma espiritual é como a de uma chama, um clarão, de cor que vai de escuro opaco a um brilhante igual a do rubi, conforme o indivíduo seja mais ou menos puro.

Individualizados, os Espíritos reconhecem-se uns aos outros e se convivem, tal como os homens na Terra têm sua identidade.

3 – PERISPÍRITO

O Espírito tem ainda um corpo, que chamamos **perispírito**, uma substância vaporosa e matéria muito sutil que é invisível aos sentidos humanos, mas que, manipulada pelo Espírito (de acordo com suas condições), pode tomar formas visíveis, audíveis e mesmo tangíveis – como nos casos de materializações.

Kardec, ao criar esse verbete – junção dos termos gregos **peri** (ao redor, em volta de) + **spiritus** (espírito, alma) –, fez um paralelo com o perisperma (tecido que cobre certas sementes) e o germe de um fruto. O perispírito é o corpo do Espírito.

O grau de adiantamento do indivíduo determina a qualidade de seu envoltório. Quanto mais atrasado o Espírito, mais grosseiro será seu perispírito; quanto mais evoluído, mais fino. Essa medida de sutileza estabelece quanto o Espírito pode manipular seu corpo fluídico e quão rápido e facilmente pode atuar (por exemplo, locomover-se). Todavia, todo Espírito sempre carregará consigo esse corpo fluídico.

Durante as encarnações, o perispírito é a ligação entre o Espírito e o corpo físico. Ele absorve os materiais apropriados para o apontado planeta a fim de permitir a atuação naquelas determinadas circunstâncias. Portanto, há três elementos em um indivíduo encarnado, a saber:

- 1) **Corpo físico:** matéria animada pelo Princípio Vital;
- 2) **Alma:** Espírito encarnado;
- 3) **Perispírito:** envoltório semimaterial que liga o Espírito ao corpo físico.

Há alguma coisa de verdadeiro na opinião dos que pretendem que a alma é exterior ao corpo e envolve o seu redor?

“A alma não se acha encerrada no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso seja o envoltório do corpo. A alma tem dois invólucros: o primeiro é sutil e leve, ao qual chamam perispírito; outro, grosseiro, material e pesado, o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como o germen em um núcleo, como já temos dito”.

(Idem – Questão 141)

O perispírito guarda as características físicas do corpo material recente, de modo que nas aparições ele se apresente semelhante àquele encarnado e possa ser reconhecido pelo médium. Essa particularidade implica também que ele absorve circunstâncias fisiológicas. Por exemplo, o perispírito de alguém que foi um fumante compulsivo, imprime “manchas” dessa agressão física, o que resultará em consequências graves na reencarnação seguinte, pois seus fluidos se entrelaçam às moléculas do corpo humano, gerando deformações e problemas de saúde similares aos efeitos causados pelo cigarro.

O estado emocional da alma também pesa o corpo fluídico, deteriorando e limitando suas capacidades. Tal como as agressões físicas (cigarro, falta de higiene, etc.), mágoas, ódios, inveja e todo tipo de rancor mancha o perispírito.

Estudaremos mais sobre perispírito na próxima lição.

4 – CARACTERÍSTICAS ESPIRITUAIS

Como a forma espiritual é finíssima, eles têm características especiais em relação aos humanos, tanto mais superiores quanto evoluídos forem os Espíritos. Podem, por exemplo, percorrer o Universo e transpassar por qualquer matéria sem sofrer nenhuma objeção, com facilidade e rapidez muito superior à luz.

O seu meio de comunicação é o pensamento, pelo qual transmitem com perfeição os sentimentos mais íntimos.

De acordo com a conveniência, os superiores podem se ocultar e omitir seus pensamentos aos que estejam numa faixa de vibração inferior. O inverso, porém, não se dá. Os mais atrasados nada podem esconder dos que lhe estejam superiores na cadeia evolutiva.

Ocupam um ponto no espaço, mas irradiam para diversos lados como o sol, como se estivessem em diversos lugares ao mesmo tempo.

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido unicamente é que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos. Dá-se com eles o que se dá com uma centelha, que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte; ou, ainda, o que se dá com um homem que, sem mudar de lugar e sem se dividir, transmite ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

(Idem – Comentário à questão 92-a)

Portanto, o perispírito é marca visível da evolução e circunstância emocional de cada Espírito, um livro aberto contando toda nossa trajetória.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Textos sobre:

Perispírito; corpo bioplasmático.

Livro: “PERISPÍRITO”, Zalmir Zimmermann, Editora Campinas.

Materialismo

“Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância”.

Jesus (João, 10:10)

Por uma aberração da inteligência, há pessoas que só veem nos seres orgânicos a ação da matéria e atribuem a esta todos os nossos atos. No corpo humano apenas veem a máquina elétrica; estudaram o mecanismo da vida somente pelo funcionamento dos órgãos, cuja repetida extinção observaram, por efeito da ruptura de um fio, e nada mais enxergaram além desse fio. Procuraram saber se alguma coisa restava e, como nada acharam senão matéria que se tornara inerte, como não viram a alma escapar-se, como não a puderam apanhar, concluíram que tudo se continha nas propriedades da matéria e que, portanto, depois da morte se seguia a aniquilação do pensamento. Triste consequência, se fosse real, porque então o bem e o mal nada significariam, o homem teria razão para só pensar em si e para colocar acima de tudo a satisfação de seus apetites materiais; estariam quebrados os laços sociais e as mais santas afeições se romperiam para sempre. Felizmente, semelhantes ideias estão longe de ser da maioria, que se podem mesmo ter por muito circunscritas, constituindo apenas opiniões individuais, pois que em parte alguma ainda formaram doutrina. Uma sociedade que se fundasse sobre tais bases traria em si a semente de sua dissolução e seus membros se devorariam como animais ferozes.

O homem tem instintivamente a convicção de que nem tudo nele se acaba com a vida. O nada lhe provoca horror. É em vão que se teima contra a ideia da vida futura. Ao soar o momento supremo, poucos são os que não se perguntam o que vai ser deles, porque a ideia de deixar a vida para sempre algo oferece de irônico. De fato, quem poderia encarar com indiferença uma separação absoluta e eterna de tudo o que foi objeto de seu amor? Quem poderia ver, sem terror, abrir-se diante si o imensurável abismo do nada, onde se sepultassem para sempre todas as suas qualidades, todas as suas esperanças, e dizer a si mesmo: “Pois então! Depois de mim, nada, nada mais, senão o vazio, tudo definitivamente acabado; mais alguns dias e a minha lembrança se terá apagado da memória dos que me sobreviverem; nenhum vestígio, dentro em pouco, restará da minha passagem pela Terra; até mesmo o bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem beneficiei. E nada, para compensar tudo isto, nenhuma outra perspectiva, além da do meu corpo roído pelos vermes!”

Este quadro não tem alguma coisa de horrível, de frio? A religião ensina que não pode ser assim e a razão nos confirma. Mas, uma existência futura, vaga e indefinida não apresenta o que satisfaça ao nosso desejo do positivo. Essa, em muitos, a origem da dúvida. Possuímos alma, está bem; mas, que é a nossa alma? Tem forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado, ou indefinido? Dizem alguns que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parcela do grande Todo, o princípio da vida e da inteligência. Porém, o que é que de tudo isto ficamos sabendo? Que nos importa ter uma alma, se, extinguindo nossa vida, ela desaparece na imensidade, como as gotas d'água no Oceano? Para nós, a perda da nossa individualidade não equivale ao nada? Diz-se também que a alma é imaterial. Ora, uma coisa imaterial carece de proporções determinadas. Desde então, nada é, para nós. A religião ainda nos ensina que seremos felizes ou desgraçados, conforme ao bem ou ao mal que houvermos feito, mas que vem a ser essa felicidade que nos aguarda no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra ocupação mais do que entoar louvores ao Criador? As chamas do inferno serão uma realidade ou um símbolo? A própria Igreja lhes dá

esta última significação; mas, então, que são aqueles sofrimentos? Onde esse lugar de suplício? Numa palavra, que é o que se faz, que é o que se vê, nesse outro mundo que a todos nos espera? Dizem que ninguém jamais voltou de lá para nos dar informações.

É erro dizer isso e a missão do Espiritismo consiste precisamente em nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o penetremos com o olhar, não mais pelo raciocínio somente, mas também pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma simples presunção, de uma probabilidade sobre a qual cada um elabore à vontade, que os poetas embelezem com suas ficções, ou cumulem de enganadoras imagens alegóricas. É a realidade que nos aparece, pois que são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a situação em que se acham, relatar o que fazem, permitindo-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da nova vida que lá vivem e mostrando-nos, por esse meio, a sorte inevitável que nos está reservada, de acordo com os nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de antirreligioso? Muito ao contrário, porque os incrédulos encontram aí a fé e os indecisos a renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é, pois, o mais potente auxiliar da religião. Se ele aí está, é porque Deus o permite e o permite para que as nossas vacilantes esperanças se revigorem e para que sejamos reconduzidos à senda do bem pela perspectiva do futuro.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Comentário à questão 148)

ESTUDO DO PERISPÍRITO

CHAKRAS – FOTOGRAFIA KIRLIAN

1 – CONCEPÇÕES DIVERSAS

A revelação de um corpo espiritual – o **perispírito** – é a chave para o entendimento de todo o fenômeno espírita, sem o qual, não seríamos capazes de supor a Natureza do Espiritismo, pois é por eles que o ser inteligente se manifesta, podendo até se tornar visível.

Todo Espírito tem o seu perispírito:

O Espírito, propriamente dito, não tem nenhuma cobertura ou, como alguns dizem, está sempre coberto por uma substância qualquer?

“São envolvidos por uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; muito vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e se transportar para onde queira”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – questão 93)

O que o Espiritismo chama de perispírito outras crenças e correntes científicas reconhecem por outros termos, mas que, de algum modo, têm conceitos semelhantes: aura, corpo astral, psicossoma, corpo bioplasmático, campo magnético, campo energético, mediador plástico, modelo organizador biológico (MOB), etc.

O Espírito André Luiz assim define o corpo espiritual:

De qualquer maneira, para definirmos o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retraía em si o corpo mental que lhe preside a formação.

Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, o corpo espiritual é o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que se refere aos fenômenos genésicos e nutritivos, mas de acordo com as aquisições da mente que o manipula.

Depois do estágio berço-túmulo, todas as alterações que apresenta se verificam na base da conduta espiritual da criatura que se despede do corpo terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência.

(EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS (André Luiz), Francisco Cândido Xavier – Cap. II)

Portanto, o perispírito é uma espécie de cédula de identidade do indivíduo no plano espiritual, que modela a composição orgânica (corpo físico) no plano material. É o perispírito quem caracteriza como é o Espírito, pois são as nossas próprias ações que dão a forma perispiritual: quanto mais elevado o ser, mais sutil é o seu corpo espiritual.

Ódio, remorso, vícios e desleixo “sujam” e tornam nosso perispírito denso e pesado. Em contrapartida, o amor, a paciência e – enfim – a caridade purificam “limpam” e sutilizam esse corpo.

Para encarnar, o perispírito se mistura à massa adequada ao determinando planeta estabelecido para a vivência temporária. Conforme os mundos evoluem, essa massa se torna mais etérea e seus os corpos físicos são mais sutis, saudáveis e duradouros.

2 – OS CHAKRAS

Desde há muito tempo, a filosofia yoga nos fala do corpo astral (perispírito), dos nadis (canais por onde circulam a energia vital, chamada “prana”) e os chakras (centros energéticos). Os registros mais antigos datam de 2.000 a.C., contidos nos Vedas (os quatro primeiros livros sagrados do Hinduísmo).

Tradução do sânscrito, chakra significa: roda, disco, círculo. Na forma arredondada, os chakras distribuem-se pelo corpo, sendo sete os principais centros de forças, cada qual com uma disposição particular:

OS CHAKRAS		
DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Centro Coronário ou da Coroa (Sahasrara)	Alto da cabeça	De todos é o mais importante, pois é o controlador geral de todas as forças e dos demais centros; responsável pelas energias do plano superior; tem forma igual a uma flor de lótus de mil pétalas.
Centro Frontal ou Cerebral (Ajna)	Entre as sobrancelhas	Responsável pela coordenação nervosa e motora do corpo e controla os sentidos da visão, audição e tato.
Centro Laríngeo (Visuddha)	Em frente à garganta	Controla as atividades da voz e respiração.
Centro Cardíaco (Anahata)	Perto do coração	Administra nossa emotividade e o aparelho circulatório.
Centro Esplênico; Chakra Sacro ou do Baço (Svadhithana)	Região figadal	Organização as funções do sistema hemático (fluxo sanguíneo) e captação das energias mais sutis.
Centro Gástrico ou do Plexo Solar (Manipura)	Região do umbigo	Regula o trabalho de absorção alimentar (físicos e fluídicos) e a digestão.
Centro Genésico; Chakra Base ou Raiz (Muladhara)	Base da espinha dorsal (próximo ao órgão genital)	Monitora as energias sexuais e de estímulos a trabalhos fraternos com as demais pessoas.

3 – KIRLIANGRAFIA

A Fotografia Kirlian, ou Kirliangrafia é um método de captar o gráfico da aura e, observando as cores das ondas energéticas, mapear o estado emotivo e harmônico do indivíduo. O seu pesquisador pioneiro foi o padre brasileiro Landeull de Moura (1861-1928), que publicou os primeiros resultados em 1904. No entanto, a continuação de seu trabalho foi proibida pela Igreja, sendo redescoberta em 1939, pelo cientista russo Semyon Davidovich Kirlian (1898-1978) – de onde se originou o nome do método. Atualmente, essa técnica é intitulada de Bioeletrografia.

Segundo a tese, as cores impressas correspondem aos seguintes estados, por exemplo: verde significa saúde, vigor, autoconfiança, energia positiva; amarelo indica

inteligência, tranquilidade e extroversão; azul quer dizer nobreza espiritual, sinceridade e sentimento fraterno; vermelho pende para o materialismo, prazeres instintivos, e tendências de irritabilidade e ansiedade; cristal demonstra pureza e dons mediúnicos.

4 – VITALIZAÇÃO DO CORPO ESPIRITUAL

Certas culturas, filosofias e religiões adotam métodos diversos para energizar os chakras e assim fortalecer todo o corpo espiritual (cultos, exercícios físico-mentais, etc.).

Todavia, essa vitalização – energia absorvida pelos centros de força, que é oriunda do Princípio Vital – ocorre normal e automaticamente, em concordância com a saúde física e emocional do indivíduo. Com efeito, pode ser induzida de forma ostensiva por meios especiais como meditação, musicoterapia, ingestão de água fluidificada e transmissão através do Passe espiritual. Em todo caso, a harmonização pessoal é preponderante para nosso bem-estar.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Textos sobre: Chakras; Vedas; **Livro:** Capítulo II de “EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS” (pelo Espírito André Luiz), Francisco Cândido Xavier, Editora FEB; questões 93 a 95 de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec; “PERISPÍRITO”, Zalmir Zimmermann; “A TÉCNICA DA MEDIUNIDADE”, Carlos Torres Pastorino; “O PERISPÍRITO”, Rodrigo Félix da Cruz.

PALAVRA ESPÍRITA

A Paciência

*“Bem-aventurados os pacíficos,
porque serão chamados filhos de Deus”.*

Jesus (Mateus, 5:9)

A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; então, não se aflijam quando sofrerem; antes, bendigam de Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, lhes marcou para a glória no céu.

Sejam pacientes. A paciência também é uma caridade e vocês devem praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas. Porém, há outra muito mais penosa e, conseqüentemente, muito mais meritória: a de perdoarmos aos que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para nos porem à prova a paciência.

A vida é difícil, bem sei disso. Compõe-se de mil futilidades, que são outras tantas picadas de alfinetes, mas que acabam por ferir. No entanto, se atentarmos nos deveres que nos são impostos, nas consolações e compensações que, por outro lado, recebemos, havemos de reconhecer que as bênçãos são muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado, quando se olha para o alto, do que quando se curva para a terra a frente.

Coragem, amigos! Vocês têm no Cristo o modelo. Ele sofreu mais do que qualquer um de vocês e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que vocês têm de expiar o seu passado e de se fortalecer para o futuro. Então, sejam pacientes, sejam cristãos. Essa palavra resume tudo.

Um Espírito amigo

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. IX, Item 7)

PASSE ESPÍRITA

HISTÓRICO – MÉTODO – O PASSISTA

1 – HISTÓRICO

O passe existe desde culturas e povos mais antigos (Índia, China, Egito, Grécia, Império Romano, etc.). O próprio Cristo fez uso dele e receitou aos seus discípulos, como lemos em algumas passagens bíblicas. Os estudos modernos sobre seus efeitos partiram do médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815) e seu mesmerismo (uso do magnetismo anímico para cura), isso no séc. XVIII, até a consolidação por Kardec, como consta a Doutrina Espírita.

Com via de mediunidade curadora, Kardec assim observou:

Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o auxílio de qualquer medicação. (...) A magnetização comum é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam se conduzir convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a capacidade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta – que é o que constitui a mediunidade – se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XIV, Item 175)

2 -- CONCEITO

O passe é uma transmissão de fluidos provenientes do princípio vital, que energiza o corpo espiritual e este, por conseguinte, vitaliza também o corpo humano. É semelhante a uma transfusão de sangue. A energia (fluidos) chega ao receptor através de um intermediário (passista) que a transmite pela imposição das mãos, podendo haver dois fenômenos: **passe anímico**, em que os fluidos são doados pelo passista; **passe mediúnico**, quando os fluidos são injetados pela ação dos Espíritos – neste caso, o passista atua apenas como intermediário. Entretanto, há quem diga que mesmo no segundo caso, é inevitável que não possa haver doação do passista, o que caracterizaria em um passe **misto**.

Há uma modalidade especial: a do **autopasse**, em que cada qual pode beneficiar a si mesmo. É certo que Espíritos mais elevados podem manipular os fluidos, tal qual um farmacêutico manipula substâncias medicinais. Já que toda matéria não passa de energia condensada, os fluidos podem restabelecer toda a normalidade física.

Como se vê, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito – encarnado ou desencarnado –, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula deformada por uma molécula sã. Com efeito, o poder curativo estará na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de

penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, seja homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. XIV, Item 31)

3 – O MÉTODO E PRÉ-REQUISITOS

A transmissão se dá puramente pela imposição das mãos e mentalização. Não há necessidade de nenhum toque ou cerimonial. O receptor pode estar ou não acordado e em qualquer posição – braços ou pernas cruzadas não impedem o fluxo, como pensam alguns. Também sucede normalmente o **passé à distância** entre passista e receptor, mesmo sem que este esteja ciente da ação. Contudo, um requisito básico é a abertura espiritual: se o receptor tiver alguma rejeição (negativismo), o passé é ineficaz. Por sua vez, a fé permite uma maior recepção dos fluidos.

A energização tem, portanto, diversos níveis, podendo resultar numa grande operação espiritual. Um quesito a ser observado ainda é a necessidade e mesmo o merecimento da cura, em que se deve observar a justiça das causas – expiação e provas pelas quais certos indivíduos precisam passar para promover sua evolução.

“Por virtude da máxima segundo a qual todo efeito tem uma causa, tais misérias (doenças incuráveis ou de nascença, mortes prematuras, reveses da fortuna, pobreza extrema, etc.) são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na visa atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente a esta”.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. 5, Item 6)

A boa conduta implica nos resultados. Numa comparação, raciocinamos que o passé não pode ser eficaz em problemas decorridos do fumo quando o receptor permanece fumante.

Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como há de explicar a ação material de agente tão sutil? – A vontade é atributo essencial do espírito. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. Tanto quanto do espírito errante, a vontade é igualmente atributo do espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe esta na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. 8, Item 131).

A vontade, ou pensamento positivo, é força criadora.

“Compreendemos que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva, atraindo para si mesmo os agentes de luz ou de sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade”.

(MECANISMOS DA MEDIUNIDADE (André Luiz), Francisco Cândido Xavier – Cap. 4 “Indução mental”)

4 -- O PASSISTA

Qualquer pessoa, com maior ou menor intensidade, pode prestar o concurso fraterno do passé com eficácia mediante certas condições, tais como: sentimento de caridade, humildade e preparo.

Em “MISSIONÁRIOS DA LUZ”, André Luiz relata, pela mediunidade de Chico Xavier, que o passista deve: “ter grande domínio sobre si mesmo; espontâneo equilíbrio dos sentimentos; acendrado amor aos semelhantes; alta compreensão da vida; e profunda confiança no Poder Divino”.

Contam ao passista os critérios de sua harmonia física e moral. Não é o caso de ele ser santo, mas necessita esforçar-se na melhoria íntima e no aprendizado intelectual, conforme acima vemos. Se por um lado não há cerimonial, deve haver um preparo físico e mental horas antes da jornada caridosa: espiritualização (concentração e oração), abstinência de bebidas alcoólicas, nicotina, comidas pesadas e desgastes físicos.

O poder magnético do magnetizador depende de sua constituição física?

“Sim, mas muito de seu caráter. Numa palavra; depende de si próprio.”

(REVISTA ESPÍRITA, Allan Kardec – Março de 1859)

Os interessados poderão procurar cursos oferecidos nos centros espíritas.

5 – RECONHECIMENTO CIENTÍFICO

Cada vez mais o meio acadêmico vem abrindo espaço para estudos sobre o magnetismo. Todas as pesquisas comprovam a sua eficácia (mais ou menos acentuada, conforme cada caso) e sua terapia já é amplamente recomendada, inclusive, sendo adotada em vários centros clínicos no mundo – como tratamento paralelo ao convencional.

6 – PRECAUÇÕES

Uma informação importante para o receptor é que o tratamento espiritual através do passe não deve substituir o acompanhamento médico profissional. Ele é um aditivo.

Já para o passista, o alerta é para que controle o impulso natural humano da vaidade e do orgulho em achar-se virtuoso curador – princípio de obsessão. Nem é preciso dizer que o conceito cristão do trabalho espiritual é de total gratuidade. Assistência de passe feita via comercialização ou com vanglória por parte do passista implica graves consequências para este infrator.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: “FISIOLOGIA TRANSDIMENSIONAL”, Décio Iandoli Júnior, Editora Candeia; Cap. 19 de “MISSIONÁRIOS DA LUZ” e Cap. 17 de “NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE” (pelo Espírito André Luiz), Francisco Cândido Xavier; “PASSES E RADIAÇÕES”, Edgar Armond, Editora Aliança; “O PASSE, SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA”, Jacod de Melo, Editora FEB; “OBSESSÃO, PASSE E DOCTRINAÇÃO”, José Herculano Pires.

PALAVRA ESPÍRITA

O poder da Fé

*Quando Ele veio ao encontro do povo, um homem se lhe aproximou e, lançando-se de joelhos a Seus pés, disse: “Senhor, tem piedade do meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar”. Jesus respondeu, dizendo: “**O raça incrédula e depravada, até quando estarei com vocês? Até quando os sofrerei? Tragam-me aqui esse menino**”. E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são. Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e Lhe perguntaram: “Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio?” Respondeu-lhes Jesus: “**Por causa da incredulidade. Pois digo em verdade: se tivesses a fé do tamanho de um grão de mostarda, diriam a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada seria impossível para vocês**”.*

(Mateus, 17:14-20)

No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Porém, aqui devemos entender essas palavras unicamente no sentido moral. As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, que nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

Noutro sentido, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha com absoluta segurança, por assim dizer. Num como noutro caso, ela pode dar lugar a que se executem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; produz a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, torna-se pavorosa e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo.

Devemos não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos fracassos que lhe são infligidos.

O poder da fé se demonstra na ação magnética de modo direto e especial; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curaram, foi porque não tinham fé.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XIX, Itens: 1 a 5)

ESCALA EVOLUTIVA

PRINCÍPIOS DA PROGRESSÃO ESPIRITUAL

1 – PRINCÍPIOS DA PROGRESSÃO

Os leigos acreditam comumente que logo após a morte, todos se transformam, conhecem os mistérios do Universo e se igualam. A observação prática do Espiritismo contradiz essa ideia e nos mostra que, assim como há pessoas em nosso meio de diversos níveis morais e intelectuais (humildes e orgulhosos; preguiçosos e diligentes, estúpidos e sábios), também ocorre o mesmo na vida espiritual, pois o desencarne conserva as personalidades.

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem sabedoria. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de fazê-los chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros, só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 115)

Deus não seria justo e perfeito se houvesse concedido dotes a uns mais do que aos outros. Todos os Espíritos tiveram um mesmo ponto de partida: criados sem conhecimentos e sem maldades, mas com um irresistível instinto natural para a progressão. Deus concede a todos os recursos necessários para a melhoria, e assim, invariavelmente, todos chegarão à perfeição relativa, uns mais rapidamente que outros, de acordo com os esforços próprios – nenhum se perderá. O indivíduo pode ficar estacionado por até longo tempo – permanecendo nos erros e sem se reformar – mas não para sempre. O trajeto é progressivo: ninguém retrocede moralmente ou perde os conhecimentos adquiridos.

A diferença de qualidades dos Espíritos pode ser explicada pelas experiências acumuladas e o empenho particular de cada um. Ela estabelece também a hierarquia espiritual, em que os mais adiantados se sobrepõem aos inferiores, restringindo-lhes o acesso a determinados planos e companhias.

2 – TRAJETÓRIA EVOLUTIVA

No momento não é possível sabermos muito sobre nossa origem, no entanto, é certo que cada Espírito passa por um período semelhante à infância, em que prevalece o instinto de sobrevivência para depois ganhar autonomia. À medida que o livre-arbítrio se desenvolve, a pessoa passa a ter consciência dos seus atos e a responder por eles.

Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os

Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a teimosia que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. IV, Item 25)

As encarnações acompanham o mesmo processo evolutivo: nas primeiras, o indivíduo experimenta ambiente mais grosseiro e vai migrando para planetas mais refinados, encarnando em corpo mais embelezado. Também o seu perispírito se aperfeiçoa, tornando-se mais sutil e acessível.

Deus não poderia isentar os Espíritos das provas que lhes cumpre sofrer para chegarem à primeira ordem?

“Se Deus os tivesse criado perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta? Demais, a desigualdade entre eles existente é necessária às suas personalidades. Acresce ainda que as missões que desempenham nos diferentes graus da escala estão nos desígnios da Providência, para a harmonia do Universo”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 119)

O Espírito não nasce com pendências para o mal e nem precisa passar por sua fieira no trajeto existencial – se o faz é por seu livre-arbítrio. Há os que sempre pendem para o bem, mas isso não representará nenhum privilégio quando se igualar aos demais Espíritos Superiores – exceto pelo fato de ter encurtado o caminho das provas.

Importante observar ainda que a evolução se dá por duas vias paralelas: Sabedoria e Amor (Caridade). Embora sejam independentes, uma contribui para a outra. Com efeito, o indivíduo pode se adiantar mais em uma em relação à outra.

“Sabedoria sem Caridade leva ao materialismo; Caridade sem Sabedoria leva à submissão; Sabedoria e Caridade são as duas asas que nos elevam a Deus”.

3 – ESCALA ESPÍRITA

A posição dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta, apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido.

Podemos dividir a escala em três ordens, partindo da posição inferior:

- **Terceira Ordem – Espíritos Imperfeitos:** Predominância da matéria sobre o espírito, propensão para o mal, ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são conseqüentes;
- **Segunda Ordem – Bons Espíritos:** Predominância do Espírito sobre a matéria, desejo do bem. Uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme a categoria que ocupem, os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos;
- **Primeira Ordem – Espíritos Puros:** Nenhuma influência da matéria, superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.

A seguir, as subdivisões da escala espírita.

ESCALA ESPÍRITA		
ORDEM	CLASSE	CARACTERÍSTICAS
3ª Espíritos Imperfeitos	10ª Espíritos Impuros	São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam.
	9ª Espíritos Levianos	São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos servidores.
	8ª Espíritos Pseudossábios	Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém, creem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes. Mas, em geral, isso não passa de reflexo dos preconceitos e ideias sistemáticas que nutriam na vida terrena. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais polpidos, através dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que ainda não puderam despir-se.
	7ª Espíritos Neutros	Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades.
	6ª Espíritos Batedores e Perturbadores	Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais. Podem caber em todas as classes da terceira ordem. Manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar, etc. Afiguram-se, mais do que outros, presos à matéria. Reconhece-se que esses fenômenos não derivam de uma causa fortuita ou física, quando denotam caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir tais fenômenos, mas os de ordem elevada os deixam, de ordinário, como atribuições dos subalternos, mais aptos para as coisas materiais do que para as coisas da inteligência; quando julgam úteis as manifestações desse gênero, lançam mão destes últimos como seus auxiliares.
2ª Espíritos Bons	5ª Espíritos Benévolos	A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Não progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual.
	4ª Espíritos Sábios	Distinguem-se pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.
	3ª Espíritos de Sabedoria	As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas.
	2ª Espíritos Superiores	Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacentemente com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem.
1ª Espíritos Puros	1ª Classe Única	Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Questões 96 a 127 de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec.

PALAVRA ESPÍRITA

Não acreditem em todos os Espíritos

“Guardem-se dos falsos profetas que vêm ter com vocês cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos devoradores. Serão reconhecidos pelos seus frutos. Podemos colher uvas nos espinheiros ou figos nas sarças? Assim, toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos. Uma árvore boa não pode produzir frutos maus e uma árvore má não pode produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Então, vocês a reconhecerão pelos seus frutos”.

Jesus (Mateus, 7:15-20)

Longe de abonarem os falsos Cristos e os falsos profetas, como algumas pessoas gostam de dizer, os fenômenos espíritas desferem golpe mortal neles. Não peçam ao Espiritismo prodígios, nem milagres, porque ele formalmente declara que os não opera. Do mesmo modo que a Física, a Química, a Astronomia, a Geologia, revelaram as leis do mundo material, ele revela outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, leis que, tanto quanto aquelas outras da Ciência, são leis da Natureza. Permitindo a explicação de certa ordem de fenômenos incompreendidos até o presente, ele destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Portanto, quem se sentisse tentado a lhe explorar em proveito próprio os fenômenos, fazendo-se passar por messias de Deus, não conseguiria abusar por muito tempo da boa-fé alheia e seria logo desmascarado. Aliás, como já se tem dito, tais fenômenos nada provam por si sós: a missão se prova por efeitos morais, o que não é dado a qualquer um produzir. Esse um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; pesquisando a causa de certos fenômenos, de sobre muitos mistérios levanta ela o véu. Só os que preferem a obscuridade à luz, têm interesse em combatê-la; mas, a verdade é como o Sol: dissipa os mais densos nevoeiros.

O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos Cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudossábios, que passaram da Terra para a erraticidade e tomam nomes venerados para, sob a máscara de que se cobrem, facilitarem a aceitação das mais singulares e absurdas ideias. Antes que se conhecessem as relações mediúnicas, eles atuavam de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, audiente ou falante. É considerável o número dos que, em diversas épocas, mas, sobretudo, nestes últimos tempos, se tem apresentado como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, sua mãe, e até como Deus. S. João adverte contra eles os homens, dizendo: “Meus bem-amados, não acrediteis em todo Espírito; mas, experimentai se os Espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”. O Espiritismo nos proporciona os meios de experimentá-los, apontando as características pelos quais se reconhecem os bons Espíritos, caracteres sempre morais, nunca materiais. É à maneira de se distinguirem dos maus os bons Espíritos que, principalmente, podem aplicar-se estas palavras de Jesus: “Pelo fruto é que se reconhece a qualidade da árvore; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não os pode produzir bons”. Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore pela qualidade dos seus frutos.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXI, Itens:2, 6 e 7)

ANJOS E DEMÔNIOS

SERES ESPECIAIS? – ANJOS DA GUARDA

1 – SERES ESPECIAIS?

A crença comum diz que, se os reis da Terra têm seus exércitos, Deus – o Rei dos reis – também deve ter um. Essa milícia celeste seria composta de seres especiais, preexistentes e superiores à Humanidade, formada de “anjos”. Estes costumam ser pintados com belos traços físicos, masculinos e joviais (embora sejam assexuados), dotados de asas e armados de espada de fogo. Há, inclusive, uma hierarquia de valores que, partido dos superiores (e mais próximos da Divindade) aos inferiores, assim se distribuem: Serafins, Querubins e Tronos (primeira tríade); Dominações, Virtudes e Potências (segunda tríade); Principados, Arcanjos e Anjos (terceira tríade).

Só há sentido ter um exército se houver adversários, assim como só há heróis se houver vilões. Mas de onde viria oposição a Deus? Reza a tradição católica que o arquirrival é Satanás e seu exército de “demônios”. A epopeia se resume desta forma: Lúcifer (significado: “aquele que traz a luz”) ocupava o mais alto posto no coro dos anjos e por uma razão desconhecida rebelou-se contra o Pai e se autoproclamou “um deus”, convenceu uma terça parte dos companheiros a lhe seguir e assim, provocou uma grande batalha. Lúcifer foi derrotado pelos bons anjos, sob a liderança de Miguel, e juntamente com seus comparsas foram expulsos do Paraíso. Desde então, passou a ser chamado de Satanás, e seus amigos de demônios. Então ficou estabelecida uma guerra entre as forças do bem e as do mal com data marcada para acabar. No meio desse fogo cruzado nasceu a raça humana, predestinada a sofrer a influência dos dois lados e a passar por um julgamento final em que serão traçados os rumos fatais: o Céu para os anjos e os homens bons; o Inferno para os demônios e os homens que caíram na lábia deles – e isso para o todo sempre.

Segundo a Doutrina Espírita, não há seres especiais na Criação tal como se diz dos anjos e demônios. Os seres inteligentes gerados por Deus são os Espíritos, criados todos com os mesmos princípios e com os mesmos fins: nascem simples e ignorantes, evoluem e alcançam a perfeição – todos, sem exceção. Podemos chamar de anjos os bons Espíritos e de demônios os que ainda não se apuraram.

Os seres a que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?

“Não; são os Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 128)

Mas, vamos nos aprofundar nestes temas:

2 – OS ANJOS

Segundo a versão religiosa, os anjos são naturalmente dotados de conhecimentos e virtudes, destinados à eterna felicidade – portanto, não passaram por provas evolutivas e nem precisaram adquirir as qualidades como ocorre com a raça humana. Na condição de criaturas

perfeitas, eles foram criados para a adoração (enquanto tudo era paz), para defender a glória de Deus (depois da grande cisão) e para proteger os homens (a partir da criação da Humanidade).

Ocorre que a teoria não se encaixa nos atributos divinos. Primeiro, Deus não seria justo ao criar seres inteligentes superiores a outros, dando qualidades gratuitamente a uns enquanto os outros penam para progredir: uma mãe qualquer que trata por igual todos os filhos estaria sendo muito mais justa. Além disso, há distinção até mesmo entre os seres perfeitos. Segundo, Deus não seria perfeito se não fizesse tudo perfeitamente bem. Mas, pela descrição vulgar, parece que algo deu errado na criação dos seres ditos “perfeitos e destinados à eterna felicidade”, já que houve quem dentre eles se revoltasse contra o Pai. Ademais, todo o escopo da criação teria se alterado acidentalmente, bem como as atribuições dos anjos: ora para adoração, ora para guerra. Admitida a teoria religiosa, não vemos Deus como o Todo-poderoso, pois parece que Ele não tem o controle do rumo das coisas. Então, pelo fato de já ter havido uma dissensão no Céu, não há garantia de que depois do Apocalipse (depois do Juízo Final) não possa acontecer outra. Muitas outras incompatibilidades podem ser observadas nessa versão e por isso é impossível aceitá-la.

Deus é “Soberanamente Justo e Bom”, cria os filhos com igualdade, oferecendo todas as possibilidades para que todos nós possamos progredir e chegar à condição de Espíritos perfeitos – a quem podemos chamar verdadeiros anjos.

A palavra **anjo** desperta geralmente a ideia de perfeição moral. Entretanto, ela se aplica muitas vezes à designação de todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, o termo é sinônimo de Espírito ou de gênio. Tomamo-lo aqui na sua melhor acepção.

(Idem – Comentário à questão 128)

3 – OS DEMÔNIOS

Se não é possível admitir a descrição vulgar dos anjos, que dizer dos demônios – os seres previamente condenados à eternidade na fornalha do inferno? Criados anjos, perfeitos, dotados de conhecimentos e valores, gozando das benesses do Paraíso e da proximidade do Glorioso Pai, como puderam decair a tal ponto?

Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se tivesse criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitam e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em Seu nome”.

(Idem – Comentário à questão 131)

Foram os bíblicos que deram a conotação pejorativa ao termo **demônio**, que tem sua origem no idioma grego – *daemon* – e significa: espírito, gênio, mentor espiritual. Provavelmente, o ato foi intencional para ridicularizar o daemon de que o filósofo Sócrates tanto falava – no intento de romper com outras culturas.

Segundo a doutrina da Igreja os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. Segundo o Espiritismo os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se. Os que por apatia, negligência, obstinação ou má vontade persistem em ficar nas classes inferiores por mais tempo sofrem as consequências dessa atitude, e o hábito do mal

dificulta sua regeneração. Contudo, um dia a eles chega a fadiga dessa vida penosa e das suas respectivas consequências; eles comparam a sua situação à dos bons Espíritos e compreendem que o seu interesse está no bem, procurando então se melhorarem, mas por ato de espontânea vontade, sem que haja nisso o mínimo constrangimento. “Submetidos à lei geral do progresso, em virtude da sua aptidão para o mesmo, não progridem, ainda assim, contra a vontade”. Deus fornece-lhes constantemente os meios, porém, com a faculdade de aceitá-los ou recusá-los. Se o progresso fosse obrigatório não haveria mérito, e Deus quer que todos tenhamos o mérito de nossas obras. Ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégio; mas o primeiro lugar a todos é franqueado à custa do esforço próprio.

(O CÉU E O INFERNO, Allan Kardec – Parte Primeira, Cap. IX, Item 20)

4 – ANJOS DA GUARDA

E sobre os anjos da guarda, que diz o Espiritismo?

Sim, há os anjos da guarda – ou Espíritos protetores – e esta é uma das ocupações dos trabalhadores do Senhor.

Quaisquer que sejam a inferioridade e perversidade dos Espíritos, Deus jamais os abandona. Todos têm seu anjo de guarda (guia) que por eles vela, na persuasão de suscitar-lhes bons pensamentos, desejos de progredir e, bem assim, de pastorear-lhes os movimentos da alma, com o que se esforçam por reparar em uma nova existência o mal que praticaram. Contudo, essa interferência do guia faz-se quase sempre ocultamente e de modo a não haver pressão, pois que o Espírito deve progredir por impulso da própria vontade, nunca por qualquer sujeição.

(Idem – Parte Primeira, Cap. VII “Código penal da vida futura”)

O anjo acompanha o seu protegido desde o nascimento até o desencarne, podendo prosseguir por várias encarnações. Normalmente, escolhe alguém a quem seja simpático e nunca o deixa desprotegido: caso o guardião queira ou necessite se dedicar a outros afazeres, providenciam um substituto temporário. Pode afastar-se quando vê que seus conselhos são rejeitados, mas jamais renuncia à tarefa: fica à espreita para quando for lembrado por aquele a quem vela. Alegra-se com a sua evolução e todas as suas ações são para o bem dele.

Ao adentrar na vida espiritual, o homem reconhece o seu anjo protetor, que geralmente é um dos primeiros a recepcioná-lo após o desencarne.

Portanto, os anjos da guarda não são seres especiais, mas Espíritos mais adiantados que se põem a zelar pelos irmãos, tal como todos nós podemos ser, cuidando em instruir os demais filhos de Deus.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Questões 128 a 131 e 489 a 521 de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec.
Capítulos VIII e IX da Primeira Parte de “O CÉU E O INFERNO”, Allan Kardec

PALAVRA ESPÍRITA

Prece aos Anjos da Guarda

Todos temos ligado a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê sucumbir.

Seu nome pouco importa, pois pode ocorrer que não tenha nome conhecido na Terra. Invocamo-lo, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire.

Além do Anjo guardião – que é sempre um Espírito superior –, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Nós os contamos entre amigos, ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida.

Espíritos simpáticos são os que se nos ligam por uma certa semelhança de gostos e tendências. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações nossas que os atraíam.

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes facultam acesso à nossa alma. Alguns há que se nos aferram, como a uma presa, mas que se afastam, em se reconhecendo impotentes para lutar contra a nossa vontade.

Através do nosso anjo guardião, Deus nos deu um guia principal e superior e, nos Espíritos protetores e familiares, guias secundários. Todavia, seria erro acreditarmos que obrigatoriamente, temos um mau gênio ao nosso lado, para contrabalançar as boas influências que sobre nós se exerçam. Os maus Espíritos acorrem voluntariamente, desde que achem meio de assumir predomínio sobre nós, ou pela nossa fraqueza, ou pela negligência que ponhamos em seguir as inspirações dos bons Espíritos. Portanto, somos nós que os atraímos. Resulta desse fato que jamais nos encontramos desprovidos da assistência dos bons Espíritos e que o afastamento dos maus depende de nós. Por suas imperfeições, sendo a causa primária das misérias que o afligem, o homem na maioria das vezes é o seu próprio mau gênio.

A prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores deve ter por objeto solicitar a intercessão deles junto de Deus, pedir-lhes a força de resistir às más sugestões e que nos assistam nas dificuldades da vida.

“Espíritos esclarecidos e benevolentes, mensageiros de Deus, que têm por missão ajudar os homens e conduzi-los pelo bom caminho, sustentem-me nas provas desta vida; deem-me a força de suportá-las sem queixas; livrem-me dos maus pensamentos e façam que eu não dê entrada a nenhum mau Espírito que queira induzir-me ao mal. Esclareçam a minha consciência com relação aos meus defeitos e me tirem de sobre os olhos o véu do orgulho, capaz de impedir que eu os perceba e os confesse a mim mesmo. A ti, sobretudo, meu anjo guardião, que mais particularmente velas por mim, e a todos vocês, Espíritos protetores, que por mim se interessam, peço fazerem que me torne digno da sua proteção. Conhecem as minhas necessidades; sejam elas atendidas, segundo a vontade de Deus”.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XVIII, Item: II – Aos Anjos Guardiães e aos Espíritos Protetores)

REENCARNAÇÕES

OBJETIVOS – PERFEIÇÃO E JUSTIÇA – PROCESSO PRÁTICO

1 – EXPERIÊNCIAS MATERIAIS

Reencarnação é uma ideia antiga, comum em diversas culturas e religiões. Fazia parte também do catecismo católico, até ser substituída pelo dogma da ressurreição. Os Espíritos testemunharam a verdade sobre a pluralidade das existências, descreveram e a justificaram precisamente.

O Espiritismo vê na reencarnação a perfeição e a justiça Divina para com os homens. Embora a vida espiritual seja a principal, os Espíritos precisam passar por experiências físicas:

“Deus lhes impõe a encarnação com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, todos têm que sofrer todas as dificuldades da existência corporal: nisso é que está a expiação. A encarnação visa ainda outro fim: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe cabe na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, o Espírito toma um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 132)

As primeiras encarnações dos Espíritos ocorrem em mundos mais primitivos onde o ambiente e os corpos são de matéria mais densa e rude. Conforme progredirem, migram para planetas mais refinados e revestem-se de um corpo mais sutil e ágil. Entre as reencarnações, o Espírito volta ao plano espiritual – o que chamamos de **erraticidade** -- na condição de **errante**.

Importante destacar a composição individual enquanto encarnado:

- 1) **Alma:** o Espírito encarnado;
- 2) **Perispírito:** o corpo semimaterial;
- 3) **Corpo:** simplesmente matéria.

São imprescindíveis várias encarnações para que se consiga a depuração espiritual e se adquira a sabedoria. Mesmo aqueles que sempre pendem para o bem reencarnam inúmeras vezes – embora em quantidade muito menor – e quanto maior o esforço para evoluir, menos dolorosas são as passagens carnis.

2 – OBJETIVOS DA ENCARNAÇÃO

Os Espíritos encarnam para cumprir missões diversas, seja para sua própria melhoria, seja para colaborar com dos outros e com o progresso dos mundos.

A ação dos seres corporais é necessária para a marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.

(Idem – Comentário à questão 132)

Basicamente, os objetivos das reencarnações são três: provas, expiações e missões.

- **Prova:** os Espíritos experimentam diversas circunstâncias e se põem à prova das dificuldades (especialmente no relacionamento com os semelhantes) e de novos conhecimentos;
- **Expição:** voltam para reparar erros de passagens anteriores e tarefas incompletas;
- **Missão:** Espíritos adiantados ou perfeitos (que não precisam mais passar por provas ou expiações) descem a mundos inferiores para auxiliar certos indivíduos ou ainda acelerar o progresso de toda a população de um determinado planeta.

3 – JUSTIÇA NA REENCARNAÇÃO

A reencarnação é uma lei natural que mostra a perfeição e a justiça de Deus, pois assim, oferece iguais possibilidades de progresso para todos e oportunidade de correção.

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes permite os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar em novas existências o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova. (...)

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. Isso é o que a razão nos indica e os Espíritos a ensinam.

(Idem – Comentário à questão 171)

4 – PROCESSO PRÁTICO

Há Espíritos Superiores designados na colaboração do processo de elaboração das reencarnações. Contudo, desde que já tenham despertado um bom nível de consciência, o próprio indivíduo escolhe as provas que precisa passar para se melhorar. Assim, alguém que reconheça carecer ser mais humilde, escolhe nascer em condições que lhe ensine humildade; quem se acha apto a ajudar aos semelhantes, escolhe nascer abastado e com recursos suficientes para a caridade; quem causou grande dano a certo indivíduo, normalmente escolhe nascer em condições de reparar o erro.

Determinado onde e quando descer, o Espírito errante começa a se integrar emocionalmente com o ambiente material. Desde a fecundação, seu perispírito começa a se ligar fisicamente ao corpo que vestirá e sua consciência passa por certa vertigem, quando suas lembranças vão sendo ofuscadas. No momento do parto, a alma está completamente envolvida com a vida corporal.

Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico – que não é mais do que uma expansão do seu perispírito –, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde podemos dizer que o Espírito, de certa maneira, se enraíza nesse gérmen por intermédio do seu perispírito, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, a união é completa; nasce então o ser para a vida exterior.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. XI, Item 18)

Durante a viagem carnal, o Espírito esquece temporariamente quem é realmente, para que possa experimentar o ambiente mais livremente, mas conserva os instintos e tem as suas qualidades em estado latente.

Em vão se contesta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há vantagem nisso. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou então, exaltar-nos o orgulho e, assim, enterrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas aqueles a quem odiara, talvez o ódio se despertasse nele outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, precisamente, Deus nos concedeu tudo o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. V, Item 11)

Findada a jornada material, a alma se desprende do corpo físico e volta ao convívio espiritual, recobrando paulatinamente a consciência de quem verdadeiramente é, recorda os atos praticados naquela curta passagem e colhe os frutos dos conhecimentos adquiridos e dos atos praticados.

5 – MARCAS REENCARNATÓRIAS

Esporadicamente, podemos encontrar efeitos visíveis de reencarnações, por exemplo: crianças superdotadas em determinadas artes, sem que tenham recebido formação; tendências inatas que contrariam o meio em que vivem (filho rebelde em meio a uma família toda pacífica); fortes intuições sobre pessoas lugares e desconhecidos, etc.

Se Deus não delibera diferenças naturais entre os filhos, como explicar, senão pela reencarnação, tanta disparidade na sociedade atual? Por que uns são tão rudes e outros tão polidos? Qual a razão de alguns serem tão sábios enquanto outros sejam tão desprovidos de sabedoria? – Está claro que isso reflete o currículo de cada qual.

Um pouco mais raro é o fenômeno que ocorre em certas pessoas de lembrarem ostensivamente da vida passada. O tema já foi alvo de alguns estudos científicos e há registros irrecusáveis de casos concretos.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Ian Stevenson e seu trabalho “Casos sugestivos de reencarnação”.

Livro: Cap. V da 2ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;

Cap. IV de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, Allan Kardec;

Cap. 13 “Reencarnação” de “MISSIONÁRIOS DA LUZ” (André Luiz), Francisco Cândido Xavier.

Filme: “MINHA VIDA NA OUTRA VIDA” (Yesterday’s Children), direção de Marcus Cole (EUA, 2000); “AS CINCO PESSOAS QUE VOCÊ ENCONTRA NO CÉU” (The Five People Meet in Heaven), direção: Lloyd Kramer, EUA (2004).

PALAVRA ESPÍRITA

Necessidade da encarnação

“Ora, desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam; pois que assim predisseram todos os profetas até João, e também a lei. Se quiserem compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir. Ouça aquele que tiver ouvidos para ouvir”.

Jesus (Mateus, 11:12-15)

Será um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a teimosia que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo.

Uma comparação comum fará se compreenda melhor essa diferença: o escolar não chega aos estudos superiores da Ciência senão depois de ter percorrido a série das classes que o conduzirão até lá. Essas classes – qualquer que seja o trabalho que exijam –, são um meio de o estudante alcançar o fim e não um castigo que se lhe inflige. Se ele é esforçado, abrevia o caminho, no qual, então, encontra menos espinhos. Outro tanto não sucede com aquele a quem a negligência e a preguiça obrigam a passar duplamente por certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui a punição; esta se acha na obrigação de recomeçar o mesmo trabalho. Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência; contudo, para o homem esclarecido, em quem o senso moral se acha largamente desenvolvido e que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se vê de prolongar sua permanência em mundos inferiores e desgraçados. Ao contrário, aquele que trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só vez os degraus intermédios que o separam dos mundos superiores.

Os Espíritos não poderiam encarnar uma única vez em determinado globo e preencher em esferas diferentes suas diferentes existências? Semelhante modo de ver só seria admissível se, na Terra, todos os homens estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que há entre eles, desde o selvagem ao homem civilizado, mostram quais os degraus que têm de subir. Aliás, a encarnação precisa ter um fim útil. Ora, qual seria o das encarnações curtas das crianças que morrem com pouca idade? Teriam sofrido sem proveito para si, nem para ninguém. Deus – cujas leis todas são soberanamente sábias –, nada faz de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, Ele quis que os mesmos Espíritos, pondo-se novamente em contato, tivessem ensejo de reparar seus danos recíprocos. Por meio das suas relações anteriores, além disso, quis estabelecer sobre base espiritual os laços de família e apoiar numa lei natural os princípios da solidariedade, da fraternidade e da igualdade.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. Itens: 10, 25 e 26)

A MORTE (DESENCARNE)

□ UMBRAL – SUICÍDIO E EUTANÁSIA
– DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E CREMAÇÃO

1 – CONCEITO DE MORTE

Para os materialistas, a vida é uma criação do cérebro humano e a morte física estabelece o fim do indivíduo, perdendo-se tudo que a pessoa adquiriu de sabedoria, sentimento e responsabilidade. Em geral, quem pensa assim, tem grande apego material.

O espírita, por sua vez, sabe que a morte é a extinção da vitalidade do corpo – quando o Princípio Vital que animava a matéria se recolhe ao Fluido Cósmico Universal – e a denomina “desencarne”, porque é o processo em que o Espírito se desliga da vida material e volta ao convívio espiritual. Com efeito, nascimento é sinônimo de encarnação. Assim, “morte” é o antônimo de “nascimento”, e não de “vida” – cujo oposto seria “o nada”, e este, definitivamente não existe.

2 – TEMOR DA MORTE

Dentro de cada um tem plantada uma semente de temor da morte.

Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os viventes. Ele é necessário enquanto não se está suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento. Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza apenas atenuada por secreto apego à vida corporal.

(O CÉU E O INFERNO, Allan Kardec – Parte Primeira, Cap. II, Item 2)

No entanto, à proporção que se compreende a vida futura esse temor diminui e a “espera” se dá naturalmente, com serenidade e resignação. O homem esclarecido se alegra em saber de um porvir melhor, que reencontrará os entes queridos e que usufruirá das virtudes que conquistou na vida material. Numa palavra, ele saboreia antecipadamente as sensações da vida espiritual. Para tanto, o Espiritismo se apresenta como a chave para o entendimento do processo, pois demonstra pelo exemplo concreto dado por quem transpassou essa barreira.

Não sendo mais permissível a dúvida sobre o futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue-frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não do nada.

(Idem – Parte Primeira, Cap. II, Item 10)

3 – PROCESSO DE DESENCARNE

A alma não abandona totalmente o corpo, ela começa a se desprender à medida que os órgãos humanos falecem – a morte está inteiramente no corpo. O modo como isso ocorre é que varia bastante, bem como muito variante é a condição do Espírito após o passamento.

Diríamos mesmo que cada caso é uma nova história, embora, de forma genérica, haja semelhanças.

Em determinadas situações, a pessoa pressente a hora de grande libertação e se compraz, podendo mesmo ocorrer o início antecipado do desprendimento.

A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca. O fluido perispiritual só se desprende de todos os órgãos pouco a pouco, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo. “A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento”. Portanto, não é preciso dizer que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. Estas circunstâncias é o que devemos examinar.

(Idem – Segunda Parte, Cap.I, Item 4)

A dor é uma sensação da alma e o corpo é apenas um instrumento de transmissão. A morte pode produzir dor quando ocorre no auge de coesão entre corpo e perispírito (por exemplo, em morte accidental). A força de atração está relacionada à jovialidade do corpo e o apego às coisas materiais. Daí conclui-se que, o materialista tem maior dificuldade de se separar do corpo do que um espiritualista, que ciente da vida espiritual, anseia por atingi-la.

A experiência nos ensina que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Item 257)

Na transição, o Espírito passa por um torpor que lhe paralisa a consciência, as faculdades e parte das sensações, e quase nunca testemunha o último suspiro. De acordo com sua condição moral, essa perturbação demora horas ou até anos, estabelecendo como é o despertar na vida espiritual: sereno para uns, como quem acorda vagarosamente de um sonho bom; mas tétrico, aterrador e ansioso para outros, como quem acorda abruptamente de um pesadelo.

Importante mencionar o acompanhamento dos nossos mentores espirituais nesse momento. Certos exemplos concretos testemunham que, instantes antes do ato, a alma foi magnetizada de modo a isentá-la de dor, ainda que a causa-morte dê impressão contrária.

4 -- UMBRAL

Muito presente na literatura espírita, o umbral é uma espécie de purgatório, onde o Espírito recém-desencarnado experimenta a sua própria criação: sua consciência acusa-lhe as falhas cometidas na passagem carnal, envergonha-se da nudez de suas manchas morais e conserva as sensações físicas (fome, sede, frio, dor, medo, saudade, etc.). Em geral, o elemento tem a percepção prolongada da agonia da vida que levava na carne, com a companhia de entidades afins – e Espíritos obsessores. A extensão desse estado é correspondente ao adiantamento espiritual. Além de expiação, essa situação prepara os Espíritos para a nova realidade e no momento apropriado, eles são resgatados desse fosso e tratados pelos missionários da luz. Normalmente, os bons indivíduos não provam essa passagem no umbral, mas são levados diretamente para os pontos de acolhimento.

Há quem interprete que o umbral seja um lugar (espaço geográfico), no caso, na crosta do planeta onde o Espírito passou a encarnação. Mais comum é crer, porém, que seja

simplesmente um estado de confusão mental. Logo, onde quer que esteja o Espírito, o umbral o acompanhará.

Temos descrições detalhadas do umbral em muitas obras espíritas, como é o caso de “NOSSO LAR” – pelo Espírito André Luiz, psicografada por Chico Xavier:

– O Umbral – continuou ele (Lísias), solícito – começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. Quando o Espírito reencarna, promete cumprir o programa de serviços do Pai; entretanto, ao recapitular experiências no planeta, é muito difícil fazê-lo, para só procurar o que lhe satisfaça ao egoísmo. Assim é que são mantidos o mesmo ódio aos adversários e a mesma paixão pelos amigos. Mas, nem o ódio é justiça, nem a paixão é amor. Tudo o que excede, sem aproveitamento, prejudica a economia da vida. Pois bem: todas as multidões de desequilibrados permanecem nas regiões nevoentas, que se seguem aos fluidos carnis. O dever cumprido é uma porta que atravessamos no Infinito, rumo ao continente sagrado da união com o Senhor. É natural, portanto, que o homem esquivo à obrigação justa, tenha essa bênção indefinidamente adiada.

(...) O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.

(NOSSO LAR, (Espírito de André Luiz) Francisco Cândido Xavier – Cap. 12, “O Umbral”)

5 – SUICÍDIO E EUTANÁSIA

Talvez o mais penoso estado de perturbação pelo qual se possa passar é o do suicida, este que contrariou gravemente uma das leis divinas ao retirar a própria vida e que contraiu assim, uma enorme dívida, que invariavelmente deve ser paga – a duras penas. A eutanásia também se iguala ao suicídio, com responsabilidades para todos os envolvidos na sua decisão.

Na tentativa de fugir das responsabilidades, em vão a pessoa espera pôr fim a uma trajetória de fracassos materiais. Entretanto, a morte só prolonga a consternação e o Espírito sofrerá no umbral por muito mais tempo do que seria preciso passar na carne. Imaginemos alguém que abreviou sua morte – eutanásia – achando-se incapaz de suportar as dores de uma séria enfermidade (câncer, por exemplo): o que demoraria alguns anos, meses ou apenas dias, poderá durar décadas, com doses mais elevadas de sofrimento.

Os vícios desgastam o organismo humano e lhe antecipa o falecimento. Portanto, é uma espécie de suicídio e acarreta consequências. Também culpado é aquele que se expõe inutilmente ao perigo (dirigir automóvel em excessiva velocidade, por exemplo).

Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as consequências do suicídio?

“Muito diversas são as consequências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência a que o suicida não pode escapar; é o desapontamento. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 957)

Entre as terríveis sensações pelas quais passa o suicida, está o reflexo prático do seu crime. Por exemplo, aquele que se vitimou com enforcamento, sente os efeitos físicos da corda lhe espremendo constantemente o pescoço, roubando-lhe o ar vital e sente o apodrecimento da carne. Como o seu perispírito demorará muito tempo para se deslaçar do corpo, o Espírito fica sempre à presença dos seus despojos físicos, repugna-se de ver seu corpo se decompondo e até sente o seu odor.

O Espírito cognominado Camilo Cândido Botelho (na verdade, o famoso escritor

português Camilo Castelo Branco) assim descreve o “vale dos suicidas”:

Aqui, era a dor que nada consola, a desgraça que nenhum favor ameniza, a tragédia que ideia alguma tranquilizadora vem orvalhar de esperança! Não há céu, não há luz, não há sol, não há perfume, não há tréguas!

O que há é o choro convulso e inconsolável dos condenados que nunca se harmonizam! O assombroso “ranger de dentes” da advertência prudente e sábia do Mestre de Nazaré! A blasfêmia acintosa do réprobo a se acusar a cada novo rebate da mente flagelada pelas recordações penosas! A loucura inalterável de consciências contundidas pelo vergastar infame dos remorsos. O que há é a raiva envenenada daquele que já não pode chorar, porque ficou exausto sob o excesso das lágrimas! O que há é o desaponto, a surpresa aterradora daquele que se sente vivo a despeito de se haver arrojado na morte! É a revolta, a praga, o insulto, o ulular de corações que o percutir monstruoso da expiação transformou em feras! O que há é a consciência conflagrada, a alma ofendida pela imprudência das ações cometidas, a mente revolucionada, as faculdades espirituais envolvidas nas trevas oriundas de si mesma!

O que há é o “ranger de dentes nas trevas exteriores” de um presídio criado pelo crime, votado ao martírio e consagrado à emenda! É o inferno, na mais hedionda e dramática exposição, porque, além do mais, existem cenas repulsivas de animalidade, práticas abjetas dos mais sórdidos instintos, as quais eu me pejeria de revelar aos meus irmãos, os homens!

(MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, (Espírito Camilo Cândido Botelho) Yvonne A. Pereira – Cap. 1)

Uma consequência natural para o suicida é a necessidade de uma reencarnação de expiação, em que o novo corpo que se vestirá sofrerá as máculas impressas no perispírito em decorrência do ato fatal. Eis a causa de muitas gravidades congênitas, como paralisia, surdez, cegueira, deficiência mental, etc. Em tais casos, a alma tem consciência de tudo que se passa ao redor, mas não consegue exteriorizar com o instrumento defeituoso (órgãos físicos). Assim, sofre por não poder gozar dessas faculdades e aprende, então, a valorizar a vida.

6 – DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E CREMAÇÃO

Repetimos que a dor é uma sensação da alma, por isso, o Espírito desencarnado nada sente com a retirada dos órgãos ou qualquer operação de autópsia. Feita com abnegação, a doação de órgãos produz frutos espirituais e a Doutrina Espírita estimula esse gesto de caridade, porque na outra ponta da linha (o receptor dos órgãos) há um favorecido. O único entrave calharia para aquele indivíduo extremamente vaidoso, que tem afeição demasiada ao corpo. Se na vida carnal, uma pessoa é orgulhosa, vaidosa e tem dificuldade em ceder algo aos outros, é provável que ao desencarnar, sinta-se agravado em ter suas “propriedades” transferidas a alguém. De semelhante juízo, é o caso da cremação – o Espírito nada sente.

O materialista envaidece-se quando é provido de um belo corpo, ou se revolta quanto não é tão favorecido assim. Se isso ocorre durante uma encarnação também se repete no desencarne. Já o espiritualista despede-se do corpo físico em tom de agradecimento. Sente-se feliz pela liberdade que a vida espiritual representa em comparação à prisão carnal, mas reconhece o valor da matéria como instrumento de seu aprimoramento. Então, vê seu enterro ou sua cremação com tranquilidade, pois sabe que não passava de uma peça externa da qual fez uso – como uma roupa qualquer.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. II da 1ª Parte e cap. I da 2ª Parte de “O CÉU E O INFERNO”, Allan Kardec; “QUEM TEM MEDO DA MORTE?”, Richard Simonetti, Editora São João;
“MEMÓRIAS DE UM SUICIDA”, (Espírito Camilo Cândido Botelho) Yvonne A. Pereira;
Questões 146 a 161 de “O CONSOLADOR”, (Emmanuel) Francisco C. Xavier.

PALAVRA ESPÍRITA

O suicídio e a loucura

“Bem-aventurados são vocês, que são pobres, porque o reino dos céus é de vocês.

Bem-aventurados são vocês, que agora têm fome, porque serão saciados.

Ditosos são, vocês que agora choram, porque rirão”.

Jesus (Lucas, 6:20 e 21)

A calma e a resignação vindas da maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelos tropeços que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira como o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, se torna evidente que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fosse isso, a conturbariam.

O mesmo ocorre com o suicídio. Postos de lado os que se dão em estado de embriaguez e de loucura – aos quais se pode chamar de inconscientes –, é incontestável que ele tem sempre por causa um descontentamento, quaisquer que sejam os motivos particulares que se lhe apontem. Ora, aquele que está certo de que só é desventurado por um dia e que melhores serão os dias que hão de vir, enche-se facilmente de paciência. Só se desespera quando não vê nenhum fim para os seus sofrimentos. E o que é a vida humana em comparação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas, para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os infortúnios e as aflições o humilharam, vê unicamente na morte uma solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias.

A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a covardia moral. Quando homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo.

A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que espalha a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a coragem moral.

Sob esse aspecto, o Espiritismo ainda produz outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo: apresenta-nos os próprios suicidas a nos informar da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar a sua vida. Entre os suicidas, alguns há cujos sofrimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado. O espírita tem, assim, vários motivos a contrapor à ideia do suicídio: a certeza de uma vida futura, em que ele sabe

bem, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado tenha sido na Terra: a certeza de que, abreviando seus dias, chega, precisamente, a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para cair num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com ao se matar, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, considerável já é o número dos que têm sido salvos pelo Espiritismo de se suicidar, podendo daí concluir-se que, quando todos os homens forem espíritas, deixará de haver suicídios conscientes. Comparando-se, então, os resultados que as doutrinas materialistas produzem com os que decorrem da Doutrina Espírita, somente do ponto de vista do suicídio, será fácil reconhecer que, enquanto a lógica das primeiras a ele conduz, a da outra o evita, fato que a experiência confirma.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. V, Itens: 2, 14 a 17)

SENTIDOS E SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS

COMUNICAÇÃO, VISÃO E PERCEPÇÕES FÍSICAS

1 – SENTIDOS E SENSAÇÕES

Na vida material o indivíduo carece de órgãos físicos para a percepção e transmissão de sentidos e sensações. Por exemplo, para enxergar precisa de olhos. Ocorre que os órgãos físicos são muito limitados e frágeis. No caso dos olhos, eles só capturam mediante luz, até certa distância e podem ter o raio de alcance obstruído por matéria sólida (como uma parede). Também esses mecanismos estão sujeitos a enfermidades ou mesmo a deformações congênitas que dificultem ou impeçam totalmente o funcionamento.

Os Espíritos têm sentidos e sensações diferentes e muito mais eficazes. O perispírito é seu órgão sensitivo e o grau da sensibilidade está proporcionalmente ligado ao adiantamento de cada um, de maneira que, quanto mais evoluído o sujeito, maior o raio de alcance.

Conheçamos um pouco dos atributos dos Espíritos, conforme eles mesmos nos dizem:

2 -- PRESENÇA

O Espírito está presente até onde seu perispírito possa irradiar. Quando quer, ele se transportar o faz pela força e velocidade do pensamento, sem que nenhuma matéria o impeça de voitar pelo espaço.

3 – COMUNICAÇÃO

Palavra – principal meio de comunicação humana – é matéria produzida por órgãos humanos mediante impulso mental: a origem da mensagem está no pensamento, mas para exteriorizá-la no mundo material a alma usa mecanismos físicos (fala, escrita, mímica, etc.).

Os Espíritos se comunicam por uma via mais sofisticada: o próprio pensamento:

“Eles se veem e se compreendem. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles constante comunicação; é o veículo da transmissão de seus pensamentos, como, para vocês, o ar o é do som. É uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 282)

Para apreendermos o que ocorre em tal circunstância, precisamos imaginar todos os seres – encarnados e desencarnados – mergulhados no fluido universal, que ocupa o espaço, tal qual nos achamos dentro da atmosfera neste mundo. Esse fluido recebe da vontade uma impulsão; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a

diferença de que as vibrações do ar são limitadas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Então, dirigido o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXVII, Item 10)

Praticamente na mesma velocidade que o pensamento se desenvolve ele é lido, de forma tal que não haja dissimulação. No entanto, ocorre certa restrição a Espíritos inferiores.

4 – VISÃO

Os Espíritos não têm olhos e, portanto, não têm um ponto definido onde se concentra a visão, mas ela reside em todo ele. Até onde possa expandir seu perispírito, também lá vai ter a percepção visual que, aliás, não precisa de luz.

O raio visual é de 360°, donde se deduz que ele ver por todos os lados, como se estivesse em vários lugares ao mesmo tempo. Podemos imaginar a visão espiritual como a irradiação da luz solar, só que mais eficiente ainda, pois penetra toda e qualquer matéria.

5 – PERCEPÇÕES FÍSICAS

Embora o ambiente espiritual seja etéreo, eles têm percepções físicas (do mundo material) – melhor que os encarnados. Percebem os menores sons e os distingue perfeitamente.

O seu tato está em todo o perispírito que assim, toca e pode manipular a matéria. Contudo, eles não sofrem as necessidades e sofrimentos físicos como o corpo humano. Possíveis sensações de fome, sede e dor são puramente impressões mentais de indivíduos imperfeitos (como remorso pelo que fizeram de errado nas reencarnações).

Os Espíritos experimentam a fadiga e a necessidade de repouso?

“Não podem sentir a fadiga, como a entendem; conseqüentemente, não precisam de descanso corporal como vocês, pois que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas. Entretanto, o Espírito repousa, no sentido de não estar em constante atividade. Ele não atua materialmente. Sua ação é toda intelectual e inteiramente moral o seu repouso. Isto quer dizer que há momentos em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo quanto de ordinário e não se fixa em qualquer objeto determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir guarda relação com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto menos precisarão de repousar”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 254)

Como qualquer ser humano, os Espíritos são sensíveis às percepções e se comprazem com elas, especialmente pelo fato de as sensações espirituais serem mais apuradas. Se nós nos deleitamos com as belezas da Terra, imagine a superioridade das belezas universais. Veja a descrição que os Espíritos deram a Allan Kardec da disparidade entre um gênero trivial:

Os Espíritos são sensíveis à música?

“Refere-se à música terrena? Que é ela comparada à música celeste? A esta harmonia de que nada na Terra lhes pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma doce melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a música terrena, por lhes não ser dado ainda compreenderem outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os

Espíritos, por eles terem as qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que de mais belo e delicado pode a imaginação espiritual conceber”.

(Idem – Questão 251)

PALAVRA ESPÍRITA

O Céu

“Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu”.

Jesus (Mateus, 6:10)

Nessa imensidade ilimitada, onde está o Céu? – Em toda parte. Nenhum contorno lhe traça limites. Os mundos adiantados são as últimas estações do seu caminho, que as virtudes franqueiam e os vícios interditam. Diante este quadro grandioso que povoa o Universo – que dá a todas as coisas da Criação um fim e uma razão de ser – quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a Humanidade a um ponto imperceptível do Espaço, que nos mostra começando em dado instante para acabar igualmente com o mundo que a contém, não abrangendo mais que um minuto na Eternidade!

Como é triste e fria essa doutrina quando nos mostra o resto do Universo sem vida, nem movimento durante e depois da Humanidade terrestre, qual vastíssimo deserto imerso em profundo silêncio! Como é desesperadora a perspectiva dos eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas padece tormentos sem-fim! Como a ideia dessa barreira entre mortos e vivos golpeia os corações sensíveis! Dizem: as almas ditosas só pensam na sua felicidade, como as desgraçadas, nas suas dores. Admira que o egoísmo reine sobre a Terra quando nos mostram o mesmo no Céu?

Oh! Como nos parece mesquinha essa ideia da grandeza, do poder e da bondade de Deus! Quanto é sublime a ideia que d'Ele fazemos pelo Espiritismo! Quanto a sua doutrina engrandece as ideias e amplia o pensamento! Mas, quem diz que ela é verdadeira? A Razão primeiro, a Revelação depois, e, finalmente, a sua concordância com os progressos da Ciência. Entre duas doutrinas, das quais uma amesquinha e a outra exalta os atributos de Deus; das quais uma só está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quais uma se deixa ficar na retaguarda enquanto a outra caminha, o bom-senso diz de que lado está a verdade. Que, confrontando-as, consulte cada qual a consciência, e uma voz íntima lhe falará por ela. Pois bem, essas aspirações íntimas são a voz de Deus, que não pode enganar os homens. Mas, dirão: por que Deus não lhes revelou de princípio toda a verdade? – Pela mesma razão por que se não ensina à infância o que se ensina aos de idade madura.

A revelação limitada foi suficiente a certo período da Humanidade, e Deus a proporciona gradativamente ao progresso e às forças do Espírito. Os que recebem hoje uma revelação mais completa são os mesmos Espíritos que tiveram dela uma partícula em outros tempos e que de então por diante se engrandeceram em inteligência.

Antes de a Ciência ter revelado aos homens as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da Terra e sua formação, eles poderiam compreender a imensidade do Espaço e a pluralidade dos mundos? Antes de a Geologia comprovar a formação da Terra, os homens poderiam tirar-lhe o inferno das entranhas e compreender o sentido alegórico dos seis dias da Criação? Antes de a Astronomia descobrir as leis que regem o Universo, poderiam compreender que não há alto nem baixo no Espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Poderiam identificar-se com a vida espiritual antes dos progressos da ciência psicológica? Conceber depois da morte uma vida feliz ou desgraçada, a não ser em lugar circunscrito e sob uma forma material? – Não; compreendendo mais pelos sentidos que pelo pensamento, o Universo era muito vasto para a sua concepção; era preciso restringi-lo ao seu ponto de vista para alargá-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade, e, embora sábia até então, não satisfaria hoje. O absurdo provém dos que pretendem poder governar os homens de pensamento, sem se darem conta do progresso das ideias, como se fossem crianças.

(O CÉU E O INFERNO, Allan Kardec – Parte Primeira, Cap. III, Item 18)

EMANCIPAÇÃO DA ALMA

OS SONHOS – SONAMBULISMO

1 – RECREIO ESPIRITUAL

Durante a encarnação, o Espírito fica como que encarcerado ao corpo material e tem seus sentidos limitados. Numa comparação vulgar, seria como vestir uma armadura grosseira e pesada, o tempo todo.

O Espírito encarnado permanece de bom grado no seu envoltório corporal?

“É como se perguntasse ao encarcerado se lhe agrada o cárcere. O Espírito encarnado aspira constantemente à sua libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu corpo físico, quanto mais grosseiro é este”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 400)

Na verdade, a prisão não é em tempo integral: a alma tem períodos de emancipação – o que poderíamos chamar de “recreio” – durante o sono.

Enquanto o corpo repousa, a alma permanece ativa (o Espírito jamais fica inativo), afrouxa os laços que a prendem à matéria e percorre o espaço, onde pode se relacionar com outros semelhantes. Nesse ínterim, reconhece sua identidade espiritual, relembra seu passado e vê coisas distantes, podendo até ter revelações importantes.

“Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores concordem em encarnar entre vocês sem grande repugnância. Deus quis que, tendo de estar em contato com o vício, eles pudessem ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio”.

(Idem – Questão 402)

2 – OS SONHOS

A rigor, o sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante a emancipação através do sono. Porém, como nossa alma não está no pleno desenvolvimento de suas faculdades, muitas vezes nós não conseguimos traduzir bem as impressões dos nossos sonhos.

Por que não nos lembramos sempre dos sonhos?

“O que chama de sono, só há o repouso do corpo, visto que o Espírito está constantemente em atividade. Durante o sono, recobra um pouco da sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros – quer neste mundo, quer em outros. Mas, como é pesada e grosseira a matéria que o compõe, o corpo dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais”.

(Idem – Questão 403)

As lembranças que guardamos dos sonhos é uma mistura da emancipação, da

perturbação pelo regresso à atividade física e das preocupações da vida material. Ocorre ainda – especialmente aos mais imperfeitos – que Espíritos mal-intencionados se aproveitem desse tempo para atormentarem as almas fracas.

Segundo o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode dar, quer durante o sono, quer no estado de vigília: 1º a percepção de certos fatos materiais e reais, como o conhecimento de alguns que ocorram a grande distância, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma enfermidade e os remédios convenientes; 2º a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a presença dos Espíritos; 3º imagens fantásticas criadas pela imaginação, semelhantes às criações fluídicas do pensamento. Estas criações se acham sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tais quais essas pessoas os imaginam. Às vezes, é toda uma poesia. Os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o paraíso e o inferno. Se ao despertarem, ou ao saírem do êxtase, conservam lembrança exata de suas visões, os que as tiveram tomam-nas como realidades confirmativas de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos. Logo, é preciso que se faça uma distinção muito rigorosa nas visões extáticas, antes que se lhes dê crédito. A tal propósito, o remédio para a excessiva credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap.XIV, Item 27)

3 – INTERPRETAÇÕES DOS SONHOS

Praticamente em todas as religiões o sonho tem um rastro sobrenatural. Na Bíblia há vários exemplos de intercâmbio entre os planos físicos e espirituais por esse meio e dois de seus personagens se destacam pelo dom da oniromancia (arte de interpretar sonhos): José, filho de Jacó, servindo ao rei do Egito; e Daniel, servindo ao rei babilônico Nabucodonosor. Fora isso, há diversas passagens, como a do anjo Gabriel a José (esposo de Maria, mãe de Jesus), ordenando a fuga do casal para o Egito.

Já para o islamismo, os bons sonhos são inspirações de Alah e os pesadelos, armadilhas e tormentos propositados.

O pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), dizia que o sonho revela de forma alegórica – por isso, muitas vezes, absurdas – os desejos íntimos dos homens. Por sua vez, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) define o fenômeno como uma força natural que auxilia no processo de individualização e as situações absurdas dos sonhos seriam a maneira particular do inconsciente se expressar. Uma corrente científica diz que tudo no sonho não passa de cruzamento de informações e ideias já existentes no cérebro humano, que ajudam a manter o cérebro ativo, e que algumas vezes esses dados se encaixam em coisas úteis ou servir de inspiração para soluções e invenções.

Há uma fatura de episódios que contam como os sonhos beneficiaram artistas e cientistas. Paul McCartney conta ter sonhado com uma bela melodia e, tão logo acordou, escreveu-a com o título “Yesterday”, que mais tarde se tornou o maior sucesso dos Beatles e um dos maiores clássicos da música mundial; o inventor Thomas Edson só concluiu o seu fonógrafo depois de sonhar com a peça que faltava (a manivela); na noite anterior à grande descoberta do DNA, um dos pesquisadores, Francis Crick, sonhou com duas cobras entrelaçadas, que serviu de inspiração para a forma em dupla hélice das moléculas; René Descartes num sonho teve a revelação de um novo sistema matemático.

São públicas muitas revelações via sonho que se confirmaram: a esposa do imperador romano Júlio César, teria sonhado com a traição de Brutus; o presidente americano Abraham Lincoln relatou um de seus sonhos, em que viu seu assassinato e velório, tal como aconteceu.

Segundo a Doutrina Espírita, certas vezes Deus permite revelações e presságios por meio dos sonhos. No entanto, existem também muitas superstições acerca deles, pessoas que se dizem tradutoras dos seus significados e existe até dicionários de interpretação.

Que se deve pensar das significações atribuídas aos sonhos?

“Os sonhos não são verdadeiros como o entendem os leitores de buena-dicha (destino), pois seria absurdo crer que sonhar com tal coisa anuncia tal outra. São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens que para o Espírito têm realidade, porém que, frequentemente, não guardam nenhuma relação com o que se passa na vida corporal. São também, como atrás dissemos, um pressentimento do futuro, permitido por Deus, ou a visão do que no momento ocorre em outro lugar a que a alma se transporta. Não se contam por muitos os casos de pessoas que em sonho aparecem a seus parentes e amigos, a fim de avisá-los do que a elas está acontecendo? Que são essas aparições senão as almas ou Espíritos de tais pessoas a se comunicarem com entes caros? Quando têm certeza de que o que viu realmente se deu, não fica provado que a imaginação não tomou nenhuma parte na ocorrência, sobretudo se o que observou não lhes passava pela mente quando acordado?”

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 404)

4 -- SONAMBULISMO

O sonambulismo é uma espécie de sono mais profundo ainda, em que a alma fica mais independente da matéria e melhor penetra nas esferas espirituais. Nesse estado, o Espírito manipula o corpo como faz com qualquer outro objeto externo, com algum propósito que achar interessante. Na volta ao corpo, nada recordam porque não houve registro físico (cerebral) do espaço percorrido.

Hipnose é o sonambulismo induzido, ou magnético. Sua técnica é usada em tratamentos profissionais, como os de regressão de memória.

Assim, envolta no seu perispírito, a alma tem consigo o seu princípio luminoso. Penetrando a matéria por virtude da sua essência etérea, não há, para a sua visão, corpos opacos.

Entretanto, a vista espiritual não é idêntica para todos os Espíritos, quer em extensão, quer em penetração. Somente os Espíritos puros a possuem em todo o seu poder. Nos inferiores ela se acha enfraquecida pela relativa grosseria do perispírito, que se lhe interpõe qual nevoeiro.

Manifesta-se em diferentes graus, nos Espíritos encarnados, pelo fenômeno da segunda vista, tanto no sonambulismo natural ou magnético, quanto no estado de vigília. Conforme o grau de poder da faculdade, diz-se que a lucidez é maior ou menor. Com o auxílio dessa faculdade é que certas pessoas veem o interior do organismo humano e descrevem as causas das enfermidades.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. XIV, Item 25)

4 – INFLUÊNCIA DA CONSCIÊNCIA

O estado da consciência determina por onde o Espírito percorrerá durante o sono corporal e quem ele terá como companhia nesse ínterim, influenciando assim no tipo de sonho que terá. Oração e bons procedimentos de quando acordado, produzem bom sono e bons sonhos.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. VIII da 2ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
Cap. XIV de “A GÊNESE”, Allan Kardec.

PALAVRA ESPÍRITA

Obediência e resignação

*“Bem-aventurados os pacíficos,
porque serão chamados filhos de Deus”.*

Jesus (Mateus, 5:9)

A doutrina de Jesus ensina, em todos os seus pontos, a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, se bem os homens erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração, forças ativas ambas, porque carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair. O pusilânime não pode ser resignado, do mesmo modo que o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes que a antiguidade material desprezava. Ele veio no momento em que a sociedade romana perecia nos desfalecimentos da corrupção. Veio fazer que, no seio da Humanidade deprimida, brilhassem os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal.

Cada época é marcada, assim, com o cunho da virtude ou do vício que a tem de salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo, apenas, atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre, por si só, horizontes que a multidão somente mais tarde verá, enquanto que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um fim menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetam-se à impulsão que vimos dar aos seus espíritos; obedeçam à grande lei do progresso, que é a palavra da sua geração. Ai do espírito preguiçoso, ai daquele que trava o seu entendimento! Ai dele! Porque nós, que somos os guias da Humanidade em marcha, lhe aplicaremos o açoite e lhe submeteremos a vontade rebelde, por meio da dupla ação do freio e da espora. Toda resistência orgulhosa terá de, cedo ou tarde, ser vencida. Bem-aventurados, no entanto, os que são brandos, pois prestarão dócil ouvido aos ensinamentos.

Lázaro

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. IX, Item 8)

INTERVENÇÃO ESPÍRITA NA VIDA HUMANA

INTERCÂMBIO ESPIRITUAL – INFLUÊNCIA OCULTA

1 – INTERCÂMBIO ESPIRITUAL

Como nós sabemos, a alma tem suas capacidades limitadas durante a encarnação, mas no plano astral o Espírito goza de tal liberdade que muitos deles se acham espalhados por toda parte, assistindo e nos influenciando.

Os Espíritos, sobretudo os mais adiantados, não apenas nos veem como podem ler nossos pensamentos mais íntimos, entanto, não se ocupam com inutilidades.

Que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e observam?

“Depende. Os levianos riem das pequenas peças que lhes pregam e zombam das impaciências de vocês. Os Espíritos sérios se compadecem dos seus reveses e procuram lhes ajudar”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 458)

Todo tipo de indivíduos nos rodeiam, desde os Espíritos amigos (familiares e companheiros de outras reencarnações), como entidades antagônicas (inimigos e antipáticos de vidas passadas) e zombeteiros comuns (que se apegam aos semelhantes de seu baixo nível). E mais que isso: podem manifestar-se de maneira sutil ou ostensivamente:

Atuando sobre a matéria, os Espíritos podem se manifestar de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, como ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens.

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – 1ª Parte, “Manifestações dos Espíritos”, Item 14)

2 – INFLUÊNCIA OCULTA

Uma revelação surpreendente dada pelos codificadores da Doutrina Espírita foi a da influência que os Espíritos exercem sobre os encarnados:

Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?

“Muito mais do que imaginam. Influem a tal ponto, que, comumente, são eles que lhes dirigem”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Questão 459)

As vozes espíritas, transmitidas pelas correntes fluídicas, são constantes a palpitar sobre tudo ao nosso subconsciente, que as escuta como escutamos aos nossos semelhantes, contrabalanceando as ideias ocultas com as que nós mesmos desenvolvemos. Formulamos nossa conduta por essas influências, tal como nos deixamos ser influenciados pelo nosso meio (familiares, amigos, mídias, etc.).

Distinguimos os pensamentos sugeridos pelas vozes ocultas pela impressão de tê-los escutados como de um homem comum. Os mentores espíritas nos dizem que em certos casos é até salutar para o encarnado não conseguir separar as ideias inatas das externas, para assim melhor obrar: se faz o bem, ganha o mérito; se faz o mal, será responsabilizado. Mas se soubesse com exatidão que tal ideia foi-lhe inspiração de alguém, normalmente julgaria: desmerecido pelo bem que praticou, pois não foi por impulso próprio; ou, no caso dos erros cometidos, tentaria transferir toda a culpa a quem o incitou.

Portanto, o encarnado sempre é auxiliado pelos Espíritos, mas a decisão das ações lhe é própria, com méritos e responsabilidades.

Se fosse útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos teria proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém que assim aconteça.

(Idem – Comentário à questão 462)

3 -- QUALIDADE DOS PENSAMENTOS

As inspirações espíritas nos incitam de variadas formas: os Espíritos imperfeitos comprazem-se com o sofrimento alheio para que se iguale com as dores deles mesmos, tal como os homens invejosos; os bons Espíritos só nos estimulam ao bem.

Deus permite o intercâmbio de toda classe espiritual para que tudo sirva de instrumentos de provas e expiação. Além do que, é a conduta pessoal do encarnado que atrai os semelhantes: um homem gaiato rodeia-se de Espíritos afins. Sabendo da intimidade de um homem justo, Espíritos malévolos até o tentam, mas logo se afastam com o fracasso das primeiras tentativas e vão à procura de outras almas mais fracas. Cumpre-nos distingui-los.

Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Praticando o bem e pondo toda a confiança em Deus, repelirão a influência dos Espíritos inferiores e aniquilarão o império que desejem ter sobre vocês. Guardem-se de atender às sugestões dos Espíritos que os suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vocês e que os inspiram as paixões más. Desconfiem especialmente dos que exaltam o seu orgulho, pois que esses os assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que, na oração dominical, Jesus os ensinou a dizer: “Senhor! Não nos deixem cair em tentação, mas livra-nos do mal”.

(Idem – Comentário à questão 469)

É assim que vulgarmente se chama de “anjo” ou “demônio” um bom ou mau Espírito.

4 – OSTENSIVIDADE

Ocorrem ainda certos casos de uma forma mais ostensiva de intercâmbio espiritual, dos tipos de: mediunidade, em que o encarnado reconhece mais ou menos claramente estar sendo influenciado; ou ainda em casos de obsessão, quando um Espírito mal-intencionado exerce forte influência negativa sobre um encarnado.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. IX da 2ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;

Influência moral

“Vigiem e orem para que não caírem em tentação.

O espírito está pronto, mas a carne é fraca”.

Jesus (Mateus, 26: 41)

Já dissemos: os médiuns, apenas como tais, só exercem influência auxiliar nas comunicações dos Espíritos; o papel deles é o de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos, de um ponto da Terra a outro ponto distante. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium, como o empregado do telégrafo sobre o aparelho, isto é, do mesmo modo que o tique-taque do telégrafo traça os sinais reprodutores do despacho, sobre uma tira de papel a milhares de léguas, também nós comunicamos por meio do aparelho mediúnico, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo carnal, o que queremos lhes ensinar. Mas, assim como as influências atmosféricas atuam, muitas vezes perturbando as transmissões do telégrafo elétrico, igualmente a influência moral do médium às vezes atua e perturba a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, essa influência, em alguns casos, se anula pela nossa energia e vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de alto alcance filosófico, as comunicações de perfeita moralidade são transmitidas algumas vezes por médiuns impróprios a esses ensinamentos superiores; enquanto que, por outro lado, comunicações pouco edificantes chegam também, às vezes, por médiuns que se envergonham de lhes haverem servido de condutores.

Em tese geral, pode se afirmar que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das plêiadas elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, quer dizer: bons médiuns.

Pois então, os médiuns levianos e pouco sérios atraem Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, ideias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando. Certamente, eles podem dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis; mas, nesse caso, principalmente, é que um exame severo e escrupuloso se faz necessário, porque, de envolta com essas coisas aproveitáveis, Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e preconcebida deslealdade, fatos de pura invencionice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção. Então, devem riscar-se, sem piedade, toda palavra, toda frase equívoca e só conservar do ditado o que a lógica possa aceitar, ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritas que trabalham isolados, para os grupos novos, ou pouco esclarecidos, visto que, nas reuniões onde os adeptos estão adiantados e já adquiriram experiência, a gralha perde o seu tempo a se adornar com as penas do pavão: acaba sempre desmascarada.

Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e receber comunicações obscenas. Deixemos se deleitem na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, os autores das comunicações desta ordem buscam, por si mesmos, a solidão e o isolamento; porque só poderão causar desprezo e nojo entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Onde, porém, a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as ideias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que de boa-fé julga resultarem de uma comunicação

intuitiva. Então é de se apostar mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecanicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É essa a pedra de toque contra a qual vêm se quebrar as imaginações ardentes, por isso que, arrebatados pelo ímpeto de suas próprias ideias, pelas lentes das suas ideias literárias, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase enfeitada. Contra este terrível perigo vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de os diretores dos grupos espíritas serem dotados de fino tato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos.

Na dúvida, abstém-te, diz um dos seus velhos provérbios. Não admitam, portanto, senão o que seja de manifesta evidência aos seus olhos. Desde que uma opinião nova venha a ser expandida, por pouco que pareça duvidosa, façam-na passar pelo crivo da razão e da lógica e rejeitem desassombradamente o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderiam edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitarem hoje algumas verdades, porque não lhes são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração inegável virá lhes afirmar a sua autenticidade.

No entanto, espíritas, lembrem-se de que, para Deus e para os bons Espíritos, só há um impossível: a injustiça e a iniquidade. O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não se vejam constrangidos a usar de maus instrumentos, de médiuns imperfeitos. Se agora, um médium, qualquer que ele seja, se tornar objeto de legítima suspeição, pelo seu proceder, pelos seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, rejeitem, rejeitem suas comunicações, pois aí estará uma serpente oculta entre as ervas. É esta a conclusão a que chego sobre a influência moral dos médiuns.

ERASTO

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XX, Item: 230)

OBSESSÃO

DEFINIÇÃO, PREVENÇÃO E TRATAMENTOS

1 – DEFINIÇÃO

Chamamos de **obsessão** as más influências que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas, de forma a causar inconvenientes mais ou menos graves.

Entre os perigos que a prática do Espiritismo apresenta, devemos colocar na primeira linha a obsessão, isto é, o domínio que alguns Espíritos conseguem adquirir sobre certas pessoas. Sempre é praticada pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos não afligem nenhum constrangimento. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fosse verdadeira criança.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XXIII, Item 237)

Qualquer pessoa está sujeita à obsessão, consciente ou não da sua mediunidade.

As causas da obsessão decorrem de vários fatores, dos quais os mais frequentes são: problemas reencarnatórios, tendências viciosas, egoísmo excessivo, ambições desmedidas, aversão a certas pessoas, ódio, sentimentos de vingança, futilidade, vaidade exagerada, apego ao dinheiro e assim por diante. Essas disposições da criatura atraem Espíritos semelhantes que a envolvem e são aceitos por ela como companheiros invisíveis. Os Espíritos obsessores não são os únicos culpados da obsessão. Geralmente o maior culpado é a vítima.

(OBSESSÃO, PASSE E DOCTRINAÇÃO, J. Herculano Pires – “Informações Preliminares”, § 2)

A metodologia da Doutrina Espírita divide basicamente em três níveis o grau de constrangimento e da natureza dos efeitos produzidos por essas más influências: **obsessão simples**, **fascinação** e **subjugação**.

1.1 – OBSESSÃO SIMPLES

Dá-se a obsessão simples quando um Espírito maldoso se impõe a um médium e contra sua vontade, se intromete nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na insistência de um Espírito, do qual a pessoa sobre quem ele atua, não consegue se desembaraçar.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a crueldade e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Portanto, este gênero de obsessão é apenas

desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados. Podemos incluir nesta categoria os casos de obsessão física, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que espontaneamente produzem pancadas ou outros ruídos.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XXIII, Item 238)

1.2 – FASCINAÇÃO

A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver a falsidade e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de todo mundo. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de fazê-lo achar sublime a linguagem mais ridícula. Seria erro acreditar que só as pessoas simples, ignorantes e sem senso estão sujeitas a este gênero de obsessão. Dela não se acham isentos nem os homens mais geniais, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que muito mais graves são as consequências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a se apoderar, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua teimosia e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa. Para chegar a tais fins, é preciso que o Espírito seja hábil, artiloso e profundamente hipócrita, porque não pode operar a mudança e se fazer acolhido senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos — caridade, humildade, amor de Deus — lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso deixa passar sinais de inferioridade que só o fascinado é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que veem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter razão sempre.

(Idem – Cap. XXIII, Item 239)

1.3 – SUBJUGAÇÃO

A subjugação é uma pressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir contra sua vontade. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo.

A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que por uma espécie de ilusão ele julga sensatas: é como uma fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, na falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Às vezes, a subjugação corporal vai mais longe; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma

obsessão dessa natureza, se via constringido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão, apesar da resistência que lhe opunha. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era, porque tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horivelmente.

(Idem – Cap. XXIII, Item 240)

Vulgarmente ainda se usa o termo **possessão** para conceituar as obsessões mais graves. Kardec define a expressão como incorreta, porque implica na ideia de que dois Espíritos poderiam habitar um só corpo – o que é impossível – e que o possesso é tradicionalmente traçado como um demônio, ou aquela criatura definitivamente má – que também não há. Vemos, pois, que o verbete Subjugação traduz bem as ocorrências graves. Assim, para o Espiritismo não há possessos, tal qual se costuma dizer; há somente obsidiados, fascinados e subjugados.

“O Espírito não entra em um corpo como entra numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 473)

2 – PREVENÇÃO E TRATAMENTO

A prevenção contra obsessão é de ordem moral: caminhar pela senda da justiça e da caridade, buscar o auxílio dos bons Espíritos, orando e se vigiando. Vale dizer que o obsessor só penetra pela porta que a vítima deixa aberta. Qualquer que seja a obsessão, ela nasce sempre dentro do obsidiado, que mina sua mente e a deixa prontinha para ser detonada pelos Espíritos mal-intencionados.

É frequente a acusação que a mediunidade e, de forma geral, a prática do Espiritismo constitui um perigo às pessoas porque isso as expõe mais facilmente à obsessão. No entanto, nem os Espíritos e nem a mediunidade é propriedade do Espiritismo e a obsessão ocorre dentro e fora dele. Por sua vez, a Doutrina Espírita possibilita uma melhor compreensão do tema e, por conseguinte, meios eficazes e claros de prevenção e cura. O perigo está na fraqueza humana, no grau de orgulho e vaidade de cada um. Não se culpa a fala pelo que se diz, pois a boca fala aquilo que o coração guarda.

Exorcismo e demais rituais religiosos nenhuma eficácia têm, nos dizem os codificadores. Os Espíritos obsessores chegam mesmo a rir quando veem alguém tomar isso a sério. O tratamento de desobsessão varia de acordo com o caráter da infecção, em que o auxílio externo pode ser útil e necessário – inclusos: acompanhamento médico e trabalho mediúnico fraterno num Centro Espírita. Contudo, geralmente se dá pela autocura, quando o obsidiado reconhece suas imperfeições e se propõe firmemente a se reformar. Podendo haver motivação de vingança por parte do obsessor, o processo de cura envolve também cuidar deste, visando sua doutrinação e reconciliação com a vítima.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. XIII de “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, Allan Kardec;
“OBSESSÃO, DOCTRINAÇÃO E PASSE”, José Herculano Pires.

Filme: “O EXORCISMO DE EMILY ROSE”, direção: Scott Derrickson, EUA (2005)

Reconciliação com os adversários

“Reconciliem-se o mais depressa possível com o seu adversário enquanto estão com ele a caminho, para que ele não lhes entregue ao juiz, o juiz não lhes entregue ao ministro da justiça e não sejam metido em prisão. Na verdade, digo a vocês, que daí não sairão enquanto não tiverem pago o último centavo”.

Jesus (Mateus, 5:25-26)

Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. Como sabemos, a morte não nos livra dos nossos inimigos; muitas vezes, os Espíritos vingativos perseguem com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. Desta forma, o obsidiado e o possesso são quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para puni-los do mal que praticaram em dado momento, ou, se tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. Consequentemente, do ponto de vista da tranquilidade futura, importa que cada um repare o quanto antes os agravos que tenha causado ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que, antes que a morte lhe chegue, esteja apagado qualquer motivo de dissensão, toda causa fundada de futura inimizade. Por essa forma, de um feroz inimigo neste mundo se pode fazer um amigo no outro; pelo menos, o que assim procede põe de seu lado o bom direito e Deus não consente que aquele que perdoou sofra qualquer vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente objetivando apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência; é, principalmente, para que elas se não perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, da prisão, enquanto não tiverem pago até o último centavo, isto é, enquanto não tiverem satisfeito completamente a justiça de Deus.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. X, Itens: 5 e 6)

VAMPIRISMO

CONCEITOS E RELAÇÕES

1 – CONCEITOS

O vampiro é um personagem clássico da literatura, teatro e cinema – especialmente no gênero de terror –, que tem forma sobrenatural e sai às noites para sugar o sangue humano – fonte principal de sua vitalidade. Segundo a lenda, tem duas presas salientes, pode se transformar num morcego e é vulnerável à luz solar, ao odor de alho e pavor ao crucifixo. O conde Vladimir da Pensilvânia, Estados Unidos – o Drácula –, é o mais famoso dos vampiros. Claro que tudo não passe de folclore.

Ou não?

Na verdade, não exatamente com as características triviais do folclórico personagem, a revelação espírita nos informa da existência real de uma espécie de vampirismo, que consiste no ato de Espíritos obsessores em sugar a energia vital dos encarnados, com repossibilidades reais de desencadear até enfermidades físicas. O vampiro age como um parasita mental.

2 – PARASITOSE MENTAL

Assim como os parasitas se sustentam sugando nutrientes de outro organismo, causando-lhe dano, os vampiros espirituais aproveitam-se da fraqueza de certos desencarnados para satisfazerem seus desejos inferiores.

No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose doentia, absorvendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre credor e devedor.

(EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS (André Luiz), Chico Xavier e Waldo Vieira, Cap. XV)

O grau de efeitos é variado:

Justapõem-se à aura das criaturas que lhe oferecem passividade, sugando-lhe as energias, tomam conta de suas zonas motoras e sensoriais, inclusive os centros cerebrais (linguagem e sensibilidade, memória e percepção), dominando-as à maneira do artista que controla as teclas de piano. Cria, assim, doenças fantasmas de todos os tipos, mas causam também degeneração dos tecidos orgânicos, estabelecendo a instalação de doenças reais que persistem até a morte. Entre essas doenças, Dias da Cruz afirma que “podemos encontrar desde a neurastenia até a loucura complexa e do distúrbio gástrico à raríssima afemia estudada por Broca”.

Relaciona ainda outras moléstias: “pelo ímã do pensamento doentio e descontrolado, o homem provoca sobre si a contaminação fluídica de entidades em desequilíbrios, capazes de conduzi-lo à escabiose e à ulceração, à dipsomania e à loucura, à cirrose e aos tumores benignos ou malignos de variada procedência, tanto quanto aos vícios que corroem a vida moral. Através do próprio pensamento desgovernado, pode fabricar para si mesmo as mais graves eclosões de alienação mental, como são as psicoses de angústia e ódio, vaidade e orgulho, usura e delinquência, desânimo e egocentrismo,

impondo ao veículo orgânico processo patogênicos indefiníveis, que lhe favorecem a derrocada ou a morte”.

(REVISTA CRISTÃ DE ESPIRITISMO, Editora Minuano – Ano 2 - nº 12 Pags. 30 a 32)

O vampiro espiritual age como uma ameoba: essa parasita percebe a presença de alimento no organismo humano e se desloca até ele, surrupiando toda a vitalidade a ponto de provocar moléstias em decorrência de desidratação e desnutrição. Em certos casos, os parasitas induzem a pessoa a ingerir determinado gênero alimentício – como doces. Igualmente, os parasitas do além, que desencarnaram com seus vícios, induzem seus hospedeiros (homens fracos) aos mesmos vícios (droga, álcool, nicotina, sexo, etc.). Eles imprimem na mente humana uma sensação de prazer temporário e no auge da corrupção, chupam-lhe as energias vitais. Numa linha só: os vampiros comem, bebem e se entorpecem pela ação humana – nutrindo-se dos mesmos prazeres mundanos inexistentes no plano astral.

Daí se conclui que um alcoólatra está sempre rodeado de entidades que desencarnaram com a mesma queda ao álcool; o maníaco sexual, idem; também o guloso, etc. As almas viciadas adentram na espiritualidade desesperadas em busca da satisfação material de outrora e, impossibilitadas de se saciarem no plano desmaterializado, investem em parceria com seus semelhantes.

Se não encararmos o parasitismo e o vampirismo em termos rigorosamente doutrinários, no devido respeito ao método kardequiano, estaremos sujeitos a ser enganados por Espíritos mistificadores que passarão a nos vampirizar. Porque o vampirismo é um fenômeno típico das relações interpessoais. Na vida material como na vida espiritual o vampirismo é um processo comum e universal do relacionamento afetivo e mental das criaturas. É vampiro o sacerdote que fanatiza um crente e o submete às suas exigências para explorá-lo com a promessa do Céu, como é vampiro o demagogo político que fascina os adeptos de suas ideias e os leva ao sacrifício inútil e brutal da revolta e do terrorismo. É vampiro o espírita ou o médium que fascina os ingênuos com a falsificação de poderes que não possui, revelando-lhes supostas reencarnações deslumbrantes e conduzindo-os ao delírio das suas ambições de grandeza. É vampiro o negociista esperto que suga as economias de seus clientes com falsas promessas para um futuro improvável. É vampiro o galanteador donjuanesco que se apossa da afeição das mulheres inseguras para explorá-las. É vampiro o alcoólatra ou o toxicômano que semeia desgraça em seu redor. É vampiro o Espírito sagaz ou vingativo que suga as energias das criaturas humanas e subjuga outros Espíritos para agir na conquista e dominação de outras, e assim por diante, na imensa e variada pauta do vampirismo material e espiritual.

(VAMPIRISMO, José Herculano Pires – “Parasitas e Vampiros”)

3 – TERAPÊUTICA DO VAMPIRISMO

A terapia contra o vampirismo é a mesma da já receita contra a obsessão em geral. Importa, no entanto, observar que todos os sofrimentos e corrigendas a que nos referimos estão conjugados para as consciências encarnadas ou não, dentro da lei de ação e reação que a cada um confere hoje o equilíbrio ou o desequilíbrio, por suas obras de ontem, reconhecendo-se também que assim como existem medidas terapêuticas contra o parasitismo no mundo orgânico, qualquer criatura encontra, na aplicação viva do bem, eficiente remédio contra o parasitismo da alma.

Não bastará, porém, a palavra que ajude e a oração que ilumina.

O hospedeiro de influências inquietantes que, por suas aflições na existência carnal, pode avaliar da qualidade e extensão das próprias dívidas, precisará do próprio exemplo, no serviço do amor puro aos semelhantes, com educação e sublimação de si mesmo, porque só o exemplo é suficientemente forte para renovar e reajustar.

(EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS (André Luiz), Chico Xavier e Waldo Vieira, Cap. XV)

São dois os tipos de atendimento precisos para combater o vampirismo, a saber: atendimento médico, pois há danos físicos; atendimento espiritual, pois as causas estão enraizadas além do organismo corporal. Os dois ramos não competem um contra o outro, mas se completam. O processo evolutivo nos arrasta ao entendimento disso e tomara não demore para a medicina humana penetrar mais profundamente na compreensão espiritual.

Considerar ainda que a terapia deve se desdobrar às duas extremidades: vampiro e vítima. O parasita orgânico é matéria orgânica, mas o parasita espiritual é um indivíduo como nós que tem o mesmo valor para Deus que qualquer outra pessoa. Eis, portanto, a necessidade da doutrinação fraterna.

Isto, porém, nem sempre basta e pode levar muito tempo, porque há Espíritos insistentes, para os quais meses e anos nada são. Além disso, portanto, deve o médium dirigir um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o ajudem. Quanto ao Espírito obsessivo – por mau que seja – deve tratá-lo com severidade, mas com benevolência e vencê-lo pelos bons processos, orando por ele. Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por se corrigir. É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, mesmo desagradável, mas cujo mérito está na dificuldade que ofereça e que, se bem desempenhada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de ter-se reconduzido uma alma perdida ao bom caminho.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XXIII, Item 249)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: “VAMPIRISMO”, José Herculano Pires, Editora PAIDEIA;

PALAVRA ESPÍRITA

Os inimigos desencarnados

“Aprenderam que foi dito: ‘Amem o seu próximo e odeiem os seus inimigos’. Eu, porém, lhes digo: Amem os seus inimigos; façam o bem aos que lhes odeiam e orem pelos que lhes perseguem e caluniam, a fim de serem filhos do Pai que está nos céus e que faz que se levante o sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos”.

Jesus (Mateus, 5:43-45)

O espírita ainda tem outros motivos para ser indulgente com os seus inimigos: ele sabe, primeiramente, que a maldade não é um estado permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo, pois que este pode persegui-lo com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra; que, assim, a vingança que tome, falha ao seu objetivo, visto que, ao contrário, tem por efeito produzir maior irritação, capaz de passar de uma existência a outra. Cabia ao Espiritismo demonstrar, por meio da experiência e da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão “extinguir o ódio com o sangue” é radicalmente falsa, que a verdade é que o sangue alimenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Portanto, cabia-lhe apresentar uma razão de ser positiva e uma utilidade prática ao perdão e ao preceito do Cristo: Amem os inimigos. Não há coração tão perverso que, mesmo a contragosto, não se mostre sensível ao bom proceder. Mediante o bom procedimento, pelo menos, tira-se todo pretexto às represálias, podendo-se até fazer de um inimigo um amigo, antes e depois de sua morte. Com um mau proceder, o homem irrita o seu inimigo, que então se constitui instrumento de que a justiça de Deus se serve para punir aquele que não perdoou.

Com efeito, pode-se contar inimigos assim entre os encarnados como entre os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações com que tanta gente se vê a braços e que representam um gênero de provações, as quais, como as outras, contribuem para o adiantamento do ser, que, por isso, deve recebê-las com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao seu redor. Se, conseqüentemente, se deve usar de benevolência com os inimigos encarnados, do mesmo modo se deve proceder com relação aos que se acham desencarnados.

Outrora, sacrificavam-se vítimas sangrentas para satisfazer os deuses infernais, que não eram senão os maus Espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo demonstra que esses demônios mais não são do que as almas dos homens perversos, que ainda se não livraram dos instintos materiais; que ninguém consegue aplacá-los, senão mediante o sacrifício do ódio existente, isto é, pela caridade; que esta não tem por efeito, unicamente, impedi-los de praticar o mal e, sim, também o de reconduzi-los ao caminho do bem e de contribuir para a salvação deles. É assim que o mandamento “amem os inimigos” não se limita ao âmbito acanhado da Terra e da vida presente; antes, faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XII, Itens: 1, 5 e 6)

EVOCÇÕES

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

1 – VIAS DA MEDIUNIDADE

As manifestações espíritas ocorrem espontaneamente (por vontade dos Espíritos) ou por evocação do médium.

Vamos nos ocupar aqui especialmente com os médiuns escreventes (de psicografia), por ser o gênero de mediunidade mais comum e, além disso, porque é ao mesmo tempo o mais simples, o mais cômodo, o que dá resultados mais satisfatórios e completos. É também o que todo mundo deseja possuir. Infelizmente até hoje, por nenhum diagnóstico se pode afirmar – ainda que aproximadamente – que alguém possua essa capacidade. Os sinais físicos, dos quais algumas pessoas julgam ver indícios, nada têm de infalíveis. Ela se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só existe um meio de se lhe comprovar a existência. É experimentar.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – 2ª Parte, Cap. XVII, Item: 200)

Dado que todos nós somos mais ou menos médiuns, qualquer um pode evocar.

“Todo mundo pode evocar os Espíritos e, se aqueles que evocarem não puderem se manifestar materialmente, nem por isso deixarão de estar junto de ti e de te escutar”.

Será o fluido universal o veículo do pensamento, como o ar o é do som?

“Sim, com a diferença de que o som não pode se fazer ouvir senão dentro de um espaço muito limitado, enquanto que o pensamento alcança o infinito. O Espírito no Além é como o viajante que em meio de vasta planície, ouvindo pronunciar o seu nome, se dirige para o lado de onde o chamam”.

(Idem – 2ª Parte, Cap. XXV, Item 282)

2 – DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Para os interessados em experimentar a mediunidade, “O LIVRO DOS MÉDIUNS” de Allan Kardec é o roteiro apropriado para um exercício seguro e produtivo. Como preparação, ele adverte sobre as condições necessárias.

O desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder confabular com os Espíritos das pessoas queridas; porém, deve moderar a sua impaciência, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. Para que um Espírito possa comunicar-se, é preciso que haja entre ele e o médium relações fluídicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. Só à medida que a faculdade se desenvolve, é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para pôr-se em comunicação com o Espírito que se apresenta. Pode dar-se, pois, que aquele com quem o médium deseja comunicar-se, não esteja em condições propícias a fazê-lo, embora se ache presente, como também pode acontecer que não tenha possibilidade, nem permissão para acudir ao chamado que lhe é dirigido. Por isso, convém que no começo ninguém teime em chamar determinado Espírito, com exclusão de qualquer outro, pois muitas vezes sucede não ser com esse que

as relações fluídicas se estabelecem mais facilmente, por maior que seja a simpatia que lhe vote o encarnado. Então, antes de pensar em obter comunicações de tal ou tal Espírito, importa que o aspirante leve a efeito o desenvolvimento da sua faculdade, para o que deve fazer um apelo geral e dirigir-se principalmente ao seu anjo guardião.

(Idem – 2ª Parte , Cap. XVII, Item 203)

Reservando-se num local apropriado (aconchegante e silencioso), na posição de quem está a escrever, com papel e caneta a postos e espiritualmente preparado, o aspirante evoca e aguarda a manifestação. Não há fórmulas ou rituais para a evocação, pois para os Espíritos isso nada vale. Entretanto, deve ser feita sempre em nome de Deus. Kardec dá um exemplo prático – que não se tome por regra, mas por inspiração:

Rogo a Deus Todo-poderoso que permita um bom Espírito venha se comunicar comigo e me fazer escrever; peço também ao meu anjo de guarda se digne de me assistir e de afastar os maus Espíritos.

(Idem – 2ª Parte , Cap. XVII, Item 203)

Sobre as sessões:

Coisa ainda mais importante a ser observada do que o modo da evocação, são a calma e o recolhimento, juntas ao desejo ardente e à firme vontade de conseguir o intuito. Por vontade, não entendemos aqui uma vontade passageira, que age com suspensões e que outras preocupações interrompem a cada momento; mas, uma vontade séria, perseverante, contínua, sem impaciência, sem excitação. A solidão, o silêncio e o afastamento de tudo o que possa ser causa de distração favorecem o recolhimento. Então, uma só coisa resta a fazer: renovar todos os dias a tentativa, por dez ou quinze minutos no máximo, de cada vez, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais – se for preciso. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, ao passo que outros escrevem correntemente logo da primeira tentativa.

(Idem – 2ª Parte , Cap. XVII, Item 204)

O agendamento diário de um mesmo horário para as sessões estabelecem uma melhor condição para que os Espíritos evocados possam se programar e atender, hoje ou amanhã, às evocações (pois eles têm ocupações no plano espiritual).

As primeiras psicografias podem ser incompreensíveis ou mesmo parecer sem sentido.

O primeiro indício de disposição para escrever é uma espécie de tremido no braço e na mão. Pouco a pouco, a mão é arrastada por uma impulsão que ela não consegue dominar. Muitas vezes, não traça senão rabiscos insignificantes; depois, os caracteres se desenham cada vez mais nitidamente e a escrita acaba por adquirir a rapidez da escrita ordinária. Em todos os casos, deve-se entregar a mão ao seu movimento natural e não oferecer resistência, nem propeli-la.

(Idem – 2ª Parte , Cap. XVII, Item 210)

Os codificadores nos instruem sobre a importância da fé e outros requisitos:

No médium aprendiz, a fé não é a condição rigorosa; sem dúvida auxilia os esforços, mas não é indispensável; a pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever a contragosto, enquanto que crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta capacidade está ligada a uma disposição orgânica.

(Idem – 2ª Parte , Cap. XVII, Item 209)

Encerrar as sessões com uma oração, independentemente do sucesso ou não do intercâmbio, considerando que a impossibilidade pode ser uma prova ou punição, tanto para o médium quanto para o Espírito com quem se deseja comunicar-se.

*Quais as causas que podem impedir que um Espírito atenda ao nosso chamado?
“Em primeiro lugar, a sua própria vontade; depois, o seu estado corporal, caso*

se ache encarnado, as missões de que esteja encarregado, ou ainda o fato de lhe ser negada a permissão para isso.

“Há Espíritos que nunca podem se comunicar: os que, por sua natureza, ainda pertencem a mundos inferiores à Terra. Tão pouco podem os que se acham nas esferas de punição, a menos que especial permissão lhes seja dada, com um fim de utilidade geral. Para que um Espírito possa se manifestar é preciso tenha alcançado o grau de adiantamento do mundo onde o chamam, pois, do contrário, estranho que ele é às ideias desse mundo, nenhum ponto de comparação terá para se exprimir. O mesmo já não se dá com os que estão em missão, ou em expiação, nos mundos inferiores. Esses têm as ideias necessárias para responder ao chamado”.

(Idem – 2ª Parte , Cap. XXV, Item 282)

As sessões podem ser feitas individual ou coletivamente. O auxílio de um médium experimentado é muito salutar para os iniciantes e muitas casas espíritas oferecem cursos e sessões experimentais com a presença de um guia qualificado.

3 – RESPONSABILIDADES

Repetimos: a preparação do médium – tanto moral como doutrinária – é o melhor condicionamento para o evento, pois assim, a evocação atrairá bons Espíritos e mensagens úteis serão obtidas. Se um zombeteiro espiritual se apresentar, a conduta do médium acusará e nenhuma má influência recairá sobre ele.

A primeira condição é o médium se colocar sob a proteção de Deus com fé sincera e solicitar a assistência do seu anjo de guarda, que é sempre bom, ao passo que os espíritos familiares, por simpatizarem com as suas boas ou más qualidades, podem ser levianos ou mesmo maus.

A segunda condição é se aplicar com metuculoso cuidado para reconhecer, por todos os indícios que a experiência permite, de que natureza são os primeiros Espíritos que se comunicam e dos quais manda a prudência sempre se desconfie. Se forem suspeitos esses indícios, dirigir fervoroso apelo ao seu anjo de guarda e repelir o mau Espírito com todas as forças, provando-lhe que não conseguirá enganar, a fim de que ele desanime. Por isso é que indispensável se faz o estudo prévio da teoria, para todo aquele que queira evitar os inconvenientes peculiares à experiência.

(Idem – 2ª Parte , Cap. XVII, Item 211)

O grande perigo da mediunidade reside no próprio médium: o orgulho, a vaidade...

Suponhamos agora que a mediunidade esteja completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que em suma seja o que se chama um médium feito: seria grande erro de sua parte crer estar dispensado de qualquer instrução mais, porque apenas terá vencido uma resistência material. Do ponto a que chegou é que começam as verdadeiras dificuldades, é que ele mais do que nunca precisa dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe vão ser preparadas. Se pretender muito cedo voar com suas próprias asas, não tardará em ser vítima de Espíritos mentirosos, que não se descuidarão de lhe explorar a presunção.

(Idem – 2ª Parte, Cap. XVII, Item 216)

...e o despreparo:

Sem dúvida, poderoso instrumento pode se converter em lamentável fator de perturbação, tendo em vista o nível espiritual e moral daquele que se encontra investido de tal recurso.

Não é uma faculdade portadora de requisitos morais. A moralização do Médium libera-o da influência dos Espíritos inferiores e perversos, que se sentem, então,

impossibilitados de maior predomínio por faltarem os vínculos para a necessária sintonia.
(MEDIUNIDADE (Joanna de Ángelis), Divaldo Pereira Franco – “Estudos espíritas”, Editora FEB)

Com efeito, a mediunidade está sujeita a suspensões temporárias ou definitivas, principalmente como punição pelo seu uso abusivo.

“O que mais influi para que os bons Espíritos procedam assim é o uso que o médium faz da sua faculdade. Podemos abandoná-lo, quando dela se serve para coisas frívolas, ou com propósitos ambiciosos; quando se nega a transmitir as nossas palavras, ou os fatos por nós produzidos, aos encarnados que para ele apelam, ou que têm necessidade de ver para se convencerem. Este dom de Deus não é concedido ao médium para seu prazer e ainda menos para satisfação de suas ambições, mas para o fim da sua melhora espiritual e para revelar a verdade aos homens. Se o Espírito verifica que o médium já não corresponde às suas vistas e já não aproveita das instruções nem dos conselhos que lhe dá, afasta-se, em busca de um protegido mais digno”.

Se é uma missão, como se explica que não seja privilégio dos homens de bem e que semelhante aptidão seja concedida a pessoas que não merecem nenhuma estima e que podem abusar dela?

“A mediunidade é concedida a eles porque precisam dela para se melhorarem, para ficarem em condições de receber bons ensinamentos. Se não aproveitam da concessão, sofrerão as consequências. Jesus não pregava de preferência aos pecadores, dizendo ser preciso dar àquele que não tem?”

(Idem – 2ª Parte , Cap. XVII, Item 220)

Sobretudo, é imprescindível a leitura criteriosa das obras guias: “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” e “O LIVRO DOS MÉDIUNS”.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Capítulos: de XVII a XXI, XXV e XXVI de “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, Allan Kardec;
Cap. 5 da Terceira Parte de “O CONSOLADOR”, (Emmanuel) Francisco Cândido Xavier,
Editora FEB.

PALAVRA ESPÍRITA

Mediunidade com Jesus

“Restituam a saúde aos doentes, ressuscitem os mortos, curem os leprosos, expulsem os demônios. Deem gratuitamente o que gratuitamente receberam”.

Jesus (Mateus, 10:8)

Em quaisquer setores de atividade humana, é natural que cultivemos, nas reentrâncias do coração, o anseio de melhoria e aperfeiçoamento.

O engenheiro que obtém o seu diploma após intenso trabalho se aprimorará, no estudo e no trabalho, a fim de dignificar a profissão escolhida, convertendo-se em construtor do progresso e do bem-estar geral.

O médico, no contato com o sofrimento e a enfermidade, na cirurgia ou na clínica, ampliará sempre os seus conhecimentos, com vistas à experiência no tempo. E, se honesto e bom, conquistará o respeito do meio onde vive.

O artífice, seja ele mecânico ou carpinteiro, sapateiro ou alfaiate, no humilde labor diuturno, estudando e aprendendo, adquirirá os recursos da técnica especializada, que o tornarão elemento valioso e indispensável no ambiente onde a Divina Bondade o situou.

O advogado, no trato incessante com as leis, identificando-se com a hermenêutica do Direito, compulsando clássicos e modernos, abrirá ao próprio Espírito perspectivas sublimes para o ingresso à Magistratura respeitável, em cujo Templo, pela aplicação dos corretivos legais, cooperará, eficientemente, com o Senhor da Vida na implantação da Justiça e na sustentação da ordem jurídica.

Se esta ânsia evolutiva se compreende nos serviços da vida contingente, cujas necessidades, em sua maioria, virtualmente desaparecem com a cessação da vida orgânica, que dizemos das realizações do Espírito Eterno, das lutas e experiências que continuarão além da Morte, para decidirem, afinal, no mundo espiritual, da felicidade ou da desventura do ser humano?

O quadro evolutivo contemporâneo assemelha-se a um cortejo que se dirige, simultaneamente, a uma necrópole e a um berçário.

Vamos sepultar uma civilização poluída e assistir, jubilosos, à alvorada de luz de um novo Dia.

A Humanidade, procurando destruir as amarras que ainda a vinculam à Era da Matéria, na qual predominam os sentimentos inferiorizados, apresenta dolorosos sintomas de decomposição, à maneira de um corpo que se esvai, lentamente, a fim de, pelo mistério do renascimento, dar vida a outro ser mais perfeito e formoso.

O médium – como criatura que realiza, também, de modo penoso, a sua marcha redentora, aspirando a melhorar-se e atingir a vanguarda ascensional – resente-se, naturalmente, no exercício de sua faculdade, seja ela qual for, deste estado de coisas, revelador da ausência do Evangelho no coração humano.

Os problemas materiais, os instintos ainda falando, bem alto, na intimidade do próprio coração, a inclinação ao personalismo e à vaidade, à prepotência e ao amor próprio, enfim, a condição ainda deficitária de sua individualidade espiritual, contribuem para que o mais alto encontre, nesta altura dos tempos, forte obstáculo à livre, plena e espontânea manifestação.

Portanto, será justo e mesmo necessário que o médium guarde, igualmente, no coração, o desejo de, pelo estudo e pelo trabalho, pelo amor e pela meditação, sobrepor-se ao meio ambiente e escalar os degraus da evolução consciente e definitiva, com firmeza e

decisão, convertendo-se assim, com redução do tempo, em espiritualizado instrumento das vozes do Senhor.

Esclarecem os instrutores espirituais que "a mente é a base de todos os fenômenos mediúnicos".

Assimilando, a natureza dos nossos pensamentos, o tipo das nossas aspirações e o nosso sistema de vida, a se expressarem através de atos e palavras, pensamentos e atitudes, determinarão, sem dúvida, a qualidade dos Espíritos que, pela lei das afinidades, serão compelidos a sintonizarem conosco nas tarefas cotidianas e, especialmente, nas práticas mediúnicas.

Por enquanto, é verdade que não podemos desejar uma comunidade realmente cristã, onde todos se entendam, pensem no bem, pelo bem vivam e pelo bem realizem.

Extemporaneamente, a Era do Espírito seria realização que pertencerá aos milênios futuros, quando tivermos a presença do Cristo de Deus no próprio coração, convertido em Templo Divino, em condições, por conseguinte, de repetirmos, leal e sinceramente, com o grande bandeirante do Evangelho: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim".

Todavia, se é impossível, por agora, a cristianização coletiva da Humanidade do nosso pequenino orbe, Jesus continua falando ao nosso coração, em silêncio, desde o suave episódio da Manjedoura, quando acendeu, nas palhas do estábulo de Belém, a luz da humana redenção.

Cada um de nós terá de construir a própria edificação.

Esta transição inevitável, da Era da Matéria para a Era do Espírito, pode começar a ser efetivada, humildemente, silenciosamente, perseverantemente, no mundo interior de cada criatura.

Comecemos, desde já, o processo de autotransformação.

Este processo renovativo se verificará, sem dúvidas, na base da troca ou substituição de sentimentos.

Modifiquemos os hábitos, aprimoremos os sentimentos, melhoremos o vocabulário, purifiquemos os olhos, exerçamos a fraternidade, amemos e sirvamos, estudemos e aprendamos incessantemente.

Temos que deixar os milenários hábitos que nos cristalizaram os corações, como abandonamos a roupa velha ou o calçado imprestável, que não mais satisfazem os imperativos da decência e da higiene.

A fim de melhor entendermos a base de tais substituições, exemplifiquemos:

ERA DA MATÉRIA = {Ignorância = {questões materiais, questões espirituais. {Opressão = {espiritual, material. {Instintos = {animalidade, ambição.

ERA DO ESPÍRITO = {Conhecimento = {sabedoria humana, sabedoria espiritual. {Fraternidade = {material, espiritual. Renovação = {moralidade, altruísmo.

Vamos sair de uma para outra fase da evolução planetária, impondo-se, portanto, a renovação dos sentimentos. Numa figura mais simples: a substituição do que é ruim, pelo que é bom, do que é negativo, pelo que é positivo, do que degrada, pelo que diviniza.

Antigamente, em época mais recuada, homens e grupos se caracterizavam, total e expressamente, pela ignorância de assuntos espirituais e materiais, pela opressão — material e espiritual — uns sobre os outros, o mais forte sobre o mais fraco e, finalmente, pela absoluta predominância dos instintos.

Oprimia-se moral, econômica e espiritualmente. Sacrificava-se, inclusive, o irmão, em nome do Poder Divino.

O primado da Matéria abrangia todas as formas de vida.

Na fase de transição em que vivemos, tendemos, sem dúvida, para a espiritualização.

Substituiremos as velhas fórmulas da ignorância, da opressão política ou religiosa, moral ou econômica, pelas elevadas noções de fraternidade do Cristianismo.

Os instintos inferiorizados cederão lugar, vencidos e humilhados, aos eternos valores do

Espírito Imortal! Como decorrência natural de tais substituições, a mediunidade, igualmente, se sublimará.

As práticas mediúnicas se elevarão, porque Espíritos Sublimados sintonizarão com os medianeiros, em definitivo e maravilhoso Pentecostes de Amor e Sabedoria, exaltando a Paz e a Luz.

Quando o conhecimento dos problemas humanos, em seu duplo aspecto — material e espiritual, tornar-se uma realidade em nosso coração, a fenomenologia mediúnica se enriquecerá de novas e incomparáveis expressões de nobreza.

Quando a Fraternidade que ajuda e socorre, que perdoa e consola, substituir a Opressão, que sufoca e constrange, os médiuns serão, na paisagem terrestre, legítimos transformadores de luz espiritual.

O homem será irmão de seu irmão, sua vida será sublime apostolado de ternura e cooperação e o seu verbo a mais encantadora e harmoniosa sinfonia.

Quando nos moralizarmos e nos tornarmos realmente altruístas, superando a animalidade primitivista e a ambição desmedida, nos converteremos em pontes luminosas, através das quais o Céu se ligará à Terra.

Se desejamos sublimar as nossas faculdades mediúnicas, temos que nos educar, transformando o coração em Altar de Fraternidade, onde se abriguem todos os necessitados do caminho.

A Era da Matéria exige-nos conquistas exteriores, ganhos fáceis, prazeres e futilidades, considerações e honrarias. É o imediatismo, convocando-nos à preguiça e à estagnação, ao abismo e ao sofrimento.

A Era do Espírito pede-nos a conquista de nós mesmos, luta incessante, trabalho e responsabilidades. É o futuro, acenando-nos com as suas mãos de luz para a realização de nossos alevantados destinos.

O médium que, intrinsecamente, vive os fatores negativos da Era da Matéria, é operário negligente, cuja ferramenta se enferrujará, será destruída pelas traças ou roubada pelos ladrões, consoante a advertência do Evangelho.

Será, apenas, simples produtor de fenômeno.

O médium, entretanto, que vigia a própria vida, disciplina as emoções, cultiva as virtudes cristãs e oferece ao Senhor, multiplicados, os talentos que por empréstimo lhe foram confiados, estará, no silêncio de suas dores e de seus sacrifícios, preparando o seu caminho de elevação para o Céu.

Estará, sem dúvida, exercendo a "mediunidade com Jesus"...

(ESTUDANDO A MEDIUNIDADE, Martins Peralva, Editora FEB)

PROIBIÇÃO MOSAICA ÀS EVOCAÇÕES

PROIBIÇÃO VERSUS COMPREENSÃO

1 – PROIBIÇÃO E COMPREENSÃO

Quem desconhece a Doutrina Espírita – que se fundamenta nas Leis Naturais, conforme testemunho dos Espíritos superiores da codificação – alega que, entre outros pontos desfavoráveis à sua prática, a mediunidade é um risco, um abuso e uma infração aos desígnios de Deus. Os antipáticos ao Espiritismo costumam reclamar obediência à lei do profeta Moisés que proibia as evocações, lá no Velho Testamento da Bíblia.

Que se deve pensar dos que, vendo um perigo qualquer no Espiritismo, julgam que o meio de preveni-lo seria proibir as comunicações espíritas?

“Se podem proibir a certas pessoas que se comuniquem com os Espíritos, não podem impedir que manifestações espontâneas sejam feitas a essas mesmas pessoas, porque não podem suprimir os Espíritos, nem lhes impedir que exerçam sua influência oculta. Esses tais se assemelham às crianças que tapam os olhos e ficam crentes de que ninguém as vê. Seria loucura querer eliminar uma coisa que oferece grandes vantagens, só porque alguns imprudentes podem abusar dela. O meio de se prevenirem os inconvenientes consiste, ao contrário, em torná-la bem conhecida”.

(O LIVRO DOS MÉDIUNS, Allan Kardec – Cap. XXIII, Item 254)

Posto que as manifestações não são controladas por vontade ou decretos humanos, resta-nos compreendê-las e extrair o que de bom as comunicações podem nos dar.

Mas, verifiquemos melhor sobre a proibição...

2 – LEI MOSAICA

Moisés, supostamente vivido mais ou menos há 1.200 anos antes de Cristo, foi um grande emissário de Deus na Terra, responsável por libertar o povo de Israel da escravidão no Egito e conduzi-lo à Canaã, a Terra Prometida. Segundo as Escrituras, conversava diretamente com Javé (O Senhor) e era o principal líder judeu, valendo para todos os assuntos (religiosos, jurídicos, etc.). Em nome de Deus, ele legislava, de modo que sua palavra era entendida como a palavra do Senhor.

E eis que, vendo o costume egípcio da necromancia (consulta aos mortos) – que também era trivial em todas as culturas e em todos os tempos – ele estabeleceu, de acordo com os textos seguintes:

“Não se voltem para os que consultam os mortos nem para os feiticeiros; não os busquem para não ficarem contaminados por eles. Eu sou o Senhor seu Deus”.

(Levítico, 19:31)

“O homem ou mulher que consultar os mortos ou for feiticeiro, certamente será morto. Serão apedrejados, e o seu sangue será sobre eles”.

(Idem, 20:27)

Ao atribuímos às letras acima a Deus, nós estaremos creditando ao Altíssimo uma terrível ira humana, incompatível com as propriedades de soberana bondade e justiça, traduzidas em outros parágrafos, tais como: “não matarás” e “perdoar”. Kardec assinala:

Se a lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste ponto, obrigatoriamente deve ser igualmente em todos os outros. Por que seria ela boa no tocante às evocações e má em outras de suas partes? É preciso ser consequente. Desde que se reconhece que a lei mosaica não está mais de acordo com a nossa época e costumes em dados casos, a mesma razão procede para a proibição de que tratamos. Demais, é preciso expender os motivos que justificavam essa proibição e que hoje se anularam completamente. O legislador hebreu queria que o seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações estavam em uso e facilitavam abusos, como se infere destas palavras de Isaías: “O Espírito do Egito se aniquilará de si mesmo e eu precipitarei seu conselho; eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus píttons e seus mágicos”. (Isaias, 19:3)

(O CÉU E O INFERNO, Allan Kardec – 1ª Parte, Cap. XI, Item 3)

Então, quem, senão os fanáticos (infelizmente, ainda correntes em nossos dias) ousam seguir à risca esses intuitos de intolerância religiosa? E a lei mosaica, para os padrões atuais, é mesmo exclusivista:

“Quando entrarem na terra que o Senhor teu Deus te dá, não aprenderão a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor, e é por causa destas abominações que o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti”.

(Deuteronômio, 18:9-12)

Aquele costume foi considerado pagão porque não havia nascido de seu povo e pela banalização de seu uso àquela época. Só que para Moisés, os Egípcios, assim como todos os povos do mundo eram pagãos, exceto o seu povo. E ainda:

A proibição de Moisés era bastante justa porque a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares.

(O CÉU E O INFERNO, Allan Kardec – 1ª Parte, Cap. XI, Item 4)

Nesse aspecto vulgar, o Espiritismo não faz a mesma proibição?

Já sobre a imprudência de perscrutar o futuro, o codificador nos exprime:

O futuro é vedado ao homem por princípio, e só em casos raríssimos e excepcionais é que Deus faculta a sua revelação. Se o homem conhecesse o futuro, por certo que negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade. Absorvidos pela ideia da fatalidade de um acontecimento, ou procuramos conjurá-lo ou não nos preocupamos dele. Deus não permitiu que assim fosse, a fim de que cada qual concorresse para a realização dos acontecimentos mesmos, que porventura desejaria evitar. No entanto, Ele permite a revelação do futuro, quando o conhecimento prévio de uma coisa não importuna, mas facilita a sua realização, induzindo a procedimento diverso do que se teria sem tal circunstância.

(Idem – 1ª Parte, Cap. X, Item 10)

Tornando-a compreensível, o Espiritismo faz da mediunidade um instrumento útil para o progresso humano e promove a integração benévola entre a Terra e o mundo espiritual. Sem a

doutrinação, o intercâmbio também prossegue – só que desordenadamente.

Repelir as comunicações de além-túmulo é repudiar o meio mais poderoso de se instruir, já pela iniciação nos conhecimentos da vida futura, já pelos exemplos que tais comunicações nos fornecem. Além disso, a experiência nos ensina: o bem que podemos fazer, desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando os que sofrem a se desprenderem da matéria e a se aperfeiçoarem. Interdizer as comunicações é, portanto, privar as almas sofredoras da assistência que lhes podemos e devemos dispensar.

(Idem – 1ª Parte, Cap. XI, Item 15)

3 – INTERCÂMBIO LEGAL

O intercâmbio entre os planos físicos e espirituais é uma graça concedida por Deus para nosso aprimoramento. O perigo do abuso da mediunidade não consiste no sistema, mas na fraqueza de cada um, encarnado ou desencarnado. Essa via de comunicação é um atributo da própria Natureza, que é perfeita e justa. Os descomedimentos serão aparados e devidamente punidos serão todos aqueles que fizerem mau uso da mediunidade.

O verdadeiro motivo poderia bem ser o receio de que os Espíritos muito esclarecidos viessem instruir os homens sobre pontos que se pretende obscurecer, dando-lhes conhecimento, ao mesmo tempo, da certeza de um outro mundo, a par das verdadeiras condições para nele serem felizes ou desgraçados. A razão deve ser a mesma por que se diz à criança: “Não vá lá, que há lobisomens”. Ao homem dizem: “Não chamem os Espíritos: é coisa do diabo”. Não importa, porém: impedem os homens de evocá-los, mas não poderão impedi-los de vir aos homens para levantar a lâmpada de sob o alqueire. O culto que estiver com a verdade absoluta nada terá que temer da luz, pois a luz faz brilhar a verdade e o demônio nada pode contra esta.

(Idem – 1ª Parte, Cap. XI, Item 14)

Se conversar com “mortos” é pecado, que dizer do episódio da transfiguração de Jesus em que o Mestre dialoga com Elias e o mesmo Moisés?

Seis dias depois, Jesus levou consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte; e foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

(Mateus, 17: 1-3)

Além disso, curioso é ver que muitas crenças condenam a mediunidade dentro do Espiritismo e louvam possíveis exemplos dela dentre de seu terreno. Assim, temos registros de muitas aparições e fenômenos mediúnicos envolvendo celebridades de outras religiões sem que se ouça qualquer objeção. Se fosse pecado para o lado de cá (aos homens), deveria ser também para acolá (aos Espíritos). Nessa ótica, que dizer das aparições de Nossa Senhora e tantas outras entidades que supostamente aparecem frequentemente?

O fim providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que tudo para o homem não se acaba com a vida terrestre, e dar aos crentes ideias mais justas sobre o futuro. (...) Se bastasse interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, todo ignorante podia tornar-se sábio sem estudar, todo preguiçoso ficar rico sem trabalhar; é o que Deus não quer. Os Espíritos ajudam o homem inteligente pela inspiração oculta, mas não o livra do trabalho nem das investigações, a fim de lhe deixar o mérito.

(O QUE É O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. II, Item 50)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Capítulo XI da Parte Primeira de “O CÉU E O INFERNO”, Allan Kardec.

PALAVRA ESPÍRITA

Preces pagas

“Guardem-se dos escribas que se exibem a passear com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos festins que, a pretexto de extensas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão condenação mais rigorosa”.

Jesus (Lucas, 20:46-47)

Disse também Jesus: não permitam que lhes paguem as suas preces; não permitam como os escribas que, “a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas”, isto é, abocanham as fortunas. A prece é ato de caridade, é uma elevação do coração. Cobrar alguém que se dirija a Deus por alguém é transformar-se em intermediário assalariado. A prece, então, fica sendo uma fórmula, cujo comprimento se proporciona à soma que custe. Ora, uma de duas: ou Deus mede ou não mede as Suas graças pelo número das palavras. Se estas forem necessárias em grande número, por que dizê-las poucas ou quase nenhuma por aquele que não pode pagar? É falta de caridade. Se uma só basta, é inútil dizê-las em excesso. Por que então cobrá-las? É prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede. Então, como um, que não é sequer o distribuidor deles, que não pode garantir a Sua obtenção, cobraria um pedido que talvez nenhum resultado produza? Não é possível que Deus subordine um ato de clemência, de bondade ou de justiça, que da sua misericórdia se solicite, a uma soma em dinheiro. Do contrário, se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus ficariam em suspenso. A razão, o bom-senso e a lógica dizem ser impossível que Deus – a perfeição absoluta – autorize a criaturas imperfeitas o direito de estabelecer preço para a Sua justiça. A justiça de Deus é como o Sol: existe para todos, para o pobre como para o rico. Pois que se considera imoral traficar com as graças de um soberano da Terra, poderemos ter como lícito o comércio com as do soberano do Universo?

As preces pagas ainda apresentam outro inconveniente: é que aquele que as compra se julga, as mais das vezes, dispensado de orar ele próprio, porque se considera quite, desde que deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos se sentem tocados pelo fervor de quem por eles se interessa. Qual pode ser o fervor daquele que comete a terceiro o encargo de por ele orar, mediante paga? Qual o fervor desse terceiro, quando delega o seu mandato a outro, este a outro e assim por diante? Não será isso reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda em curso?

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXVI, Itens: 3 e 4)

